

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Jacimara Machado Heckler

SEMENTES E SABERES...

Trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia

Porto Alegre

Verão de 2006

Jacimara Machado Heckler

SEMENTES E SABERES...

Trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Orientador:

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer

Porto Alegre

Verão de 2006

Jacimara Machado Heckler

SEMENTES E SABERES...

Trocas e aprendizados com a cultura Guarani e a agroecologia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovada em 23 de Março de 2006

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer – Orientador

Prof. Dr^a Carmem Maria Craidy – Professora PPGEduc/UFRGS

Prof. Dr^a Maria Aparecida Bergamaschi – Professora da FACED/UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva – Professor da Faculdade de Ciências Humanas e Letras –
Depto de Antropologia/UFRGS

À força divina que em tudo está

Agradeço

Maria Terra, por ser minha flor e poder recriar sua semente com um pouco de mim e do que juntas vivemos

Família querida, Bruno, Cida, Ana Paula e Bruna, pelo amor, apoio e acolhida sempre na alegria, por ensinar a arte de viver – Amo vocês!

Rodrigo Wolff, meu amor, grande semeador e Laura , sua flor

Grandes Famílias Machado, Heckler, Rico Torres, Wolff, Pellanda

Povo Guarani, especialmente Seu Adolfo e Dona Angelina, Romário, Rogério e Nara, Seu Turíbio, Dona Laurinda e sua grande parentagem, Tekoa Pindo Miri, Itapuã/RS, Tekoa Karugua/PR

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CAPES, por possibilitar a pesquisa através da bolsa de mestrado

Nilton Bueno Fischer, pela orientação com liberdade e confiança

Ao grupo de orientação, por aprendermos juntos a pesquisar com sensibilidade e alegria, por compartilharmos e acreditarmos em nossas buscas

Carlos Aberto Dutra Flain Jr., por ser meu guia no processo de seleção e primeiros semestres

Luiz Karugua, por mostrar com seu olhar o sagrado do plantio e da semente

Vales, águas e terras de vida fértil

À todos que buscam uma vida de mais criatividade, saúde, compreensão e sabedoria. Aos que recriam, renovam, reciclam, escutam, compartilham, sonham, ousam, resistem.

(...) “tem que querer bem o milho, no meio do coração mesmo, tem que se levar, sempre, é, no meio do corpo mesmo, tem que se levar sempre, andando, rezando, nem que seja no trabalho, não é só assim andar no mais, então o Deus tá enxergando, tá sabendo.” (Seu Adolfo, Itapuã, out 2005)

RESUMO

Esta dissertação é o relato de uma aproximação, dos encontros e dos saberes compartilhados a partir das sementes de milho preservadas e recriadas pelo povo Guarani e suas relações com redes agroecológicas. Realizo uma reflexão sobre os potenciais educativos das sementes, do plantio e do reconhecimento da diversidade cultural e ambiental que (ainda) encontramos em nossos povos e ambientes a partir de registros etnográficos, no encontro com a cultura Guarani da Aldeia de Itapuã/RS e Piraquara/PR e com agricultores agroecológicos.

Tendo como principais referências Enrique Leff, Paulo Freire, Dan Baron e Boaventura de Souza Santos apresento meus caminhos de pesquisa, reflexões e buscas enquanto educadora e pesquisadora. Junto com estes autores inicio um diálogo em torno das sementes como elemento constituinte dos saberes ambientais que simbolizam a busca por modos de vida mais sustentáveis que resgatam e recriam culturas.

Palavras-chave: saberes ambientais, sementes, educação ambiental comunitária, cultura Guarani.

RESUMEN

Ésta disertación es un relato de un acercamiento, de los encuentros e de los saberes compartidos a partir de las semillas de maíz preservadas y recriadas por el pueblo Guaraní y sus relaciones con redes agro ecológicas. Realizo una reflexión acerca de los potenciales educativo de las semillas, de lo plantío y de lo reconocimiento de la diversidad cultural u ambiental que (todavía) encontramos en nuestros pueblos y ambientes. Partiendo de lo inscrito etnográfico de lo encuentro con la cultura Guaraní, en la Aldea Itapuã/Rio Grande del Sur y Piraquara/Paraná y con agricultores agro ecológicos.

Tiendo como principales referencias Enrique Leff, Paulo Freire, Dan Baron y Boaventura de Souza Santos presento mis caminos de pesquisa, reflexiones e búsquedas en cuanto educadora y investigadora. Junto con éstos autores doy inicio a uno diálogo al rededor de las semillas como elemento constituyente de los saberes ambientales, que simbolizan la búsqueda por modos de vida más sustentables que rescatan e recrian culturas.

Palabras clave: saberes ambientales, semillas, educación ambiental comunitária, cultura Guaraní.

LISTA DAS IMAGENS

Foto junto a citação (p.5): sementes de milho arco-íris, produzidas por Rodrigo Wolff. Janeiro de 2006.

Foto 1: Seu Adolfo, Dona Angelina e eu em uma de nossas conversas em sua casa na aldeia de Itapuã. Setembro de 2005.

Foto 2: Rodrigo compartilhando saberes com Seu Adolfo e Dona Angelina e suas sementes de milho e amendoim. Setembro de 2005.

Foto 3: Rogério, Romário, Nara e Dona Angelina em frente a sua casa. Aldeia de Itapuã. Janeiro de 2006

Foto 4: Teresa, filha de Dona Angelina, entre Maluana (à direita) e Marciana (à esquerda) – suas filhas - em uma visita a Dona Angelina. Quando nos encontramos perguntou se não tinha sementes de amendoim para ela plantar. Janeiro de 2006.

Foto 5: Seu Adolfo na roça, entre os milhos recém plantados e ao fundo o milharal aguardando para ser colhido. Janeiro de 2006.

Foto 6: Os milhos ainda pequenos na roça de Seu Adolfo, Aldeia de Itapuã, após colhidos ficarão dentro da casa, sob o fogo, ouvindo histórias e rezas.

Foto 7: Seu Turíbio. Aldeia de Itapuã. Dezembro de 2005.

Foto 8: Dona Laurinda, Kunha Karai da Aldeia de Itapuã. Dezembro de 2005.

Foto 9: Crianças Guarani fazendo panelinhas de barro com juruás. Aldeia Karugua/PR. Janeiro de 2006.

Foto 10: Luiz apresentando a diversidade de seus milhos plantados em Piraquara/PR. Janeiro de 2006.

Foto 11: Rodrigo Wolff no manejo de agrofloresta. Sanga Funda, Terra de Areia/RS. Janeiro de 2006.

Foto 12: Milharal em sistema agroecológico. Semeado em Setembro de 2006. Sanga Funda, Terra de Areia/RS. Janeiro de 2006.

NOTA SOBRE A GRAFIA DAS PALAVRAS

As palavras em Guarani estão apresentadas em itálico e por serem, em sua maioria, oxítonas não apresentam acento final, devendo ser pronunciadas como tal. Estão acentuadas aquelas palavras que não são oxítonas.

A tradução está no vocabulário e a primeira vez que aparece no texto junto da própria palavra.

O nome da etnia (Guarani) aparece no singular, com letra inicial maiúscula e não está em itálico, respeitando o próprio povo que não apresenta seu nome no plural.

Esta nota e o vocabulário foram elaborados com base nas leituras de Bergamaschi (2005), Ladeira e Matta (2004), Ikuta (2002) e Garlet (1997) e no contato com as aldeias.

GLOSSÁRIO DAS PALAVRAS GUARANI

Aguyje – estado de perfeição espiritual

Andai - abóbora

Avati - milho

Avati ete – milho verdadeiro, milho sagrado, milho guarani

Avati ju – milho amarelo

Avati mitã – milho pequeno, baixo, de ciclo rápido

Avati ovy – milho azul

Avati para – milho rajado

Avati pity – milho vermelho

Avati xi – milho branco

Jety – batata doce

Jurua – não indígenas, aqueles que a palavra sai da boca

Kaguĩjy – bebida fermentada feita com *avati ete* verde ou seco pilado e mastigado por mulheres jovens, levando cerca de três dias para completar a fermentação

Kaiowa – parcialidade Guarani que vive no estado do Mato Grosso

Karugua – arco-íris

Karai – curandeiro, pajé, xamã Guarani, líder espiritual da aldeia

Krexu miri – palavra alma feminina, relacionada a uma direção do cosmos

Kumanda - feijão

Kunha Karai – líder espiritual, xamã mulher

Maety – roça; nome dado ao plantio circular dos milhos rezados/abençoados

Manduvi - amendoim

Mbojape – pão feito com milho seco, pilado e amassado com água e assado na brasa

Mbya – parcialidade Guarani

Mbyta – bolo feito com milho verde assado na brasa

Munde – armadilha feita com galhos e tronco de árvore para caçar animais

Nana – abacaxi

Nhamandu mirim – divindade guarani

Nhanderu – o criador do mundo, Deus (es), regente do mundo, nosso pai

Nhandeva – parcialidade Guarani

Nimongarai – festa guarani, realizada na época do milho novo para recebimento no nome Guarani, relacionado a palavra-alma, missão espiritual pessoal.

Ñu´ã – laço feito para caçar

Opy – casa tradicional de reza, feita de galhos trançados e barro e preferencialmente coberta com palha.

Pakova – banana

Pety –planta de tabaco nativa, fumo guarani usado nos rituais de reza e cura

Pindo miri – palmeira pequena

Quixê – farinha feita com milho e amendoim torrados e pilados

Sandiáu – melancia

Takuaree avaxi – cana de açúcar

Teko – o modo de ser Guarani, sua cultura

Tekoa – local bom para viver, onde o Guarani encontra condições de viver seu teko

Tipiti – cilindro oco e comprido trançado de palha para espremer mandioca ralada

Xeramói – meu avô, ancião

Yvy marãey – terra sem males, terra indestrutível

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CTI – Centro de Trabalho Indigenista

CLEPEI – Comissão de Luta pela Efetivação do Parque Estadual de Itapuã

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

ENCA – Encontro Nacional de Comunidades Alternativas

ONG's – Organizações não-governamentais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

	Pg
Resumo.....	7
Resumen.....	8
Lista de Imagens.....	9
Nota sobre a grafia das palavras em Guarani.....	10
Glossário das palavras Guarani.....	10
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	12
Introdução.....	15
1. Sobre o percurso da pesquisa: Buscas e Caminhos.....	18
1.1 A definição do foco da pesquisa.....	19
1.2 Sobre a proposta e a questão de pesquisa: o encontro com os Guarani e o caminho das sementes.....	22
1.3 Plantando e colhendo saberes.....	26
2. O Povo Guarani.....	27
3. As Sementes e os Saberes: Resgate e Recriação Cultural.....	39
4. Sobre os Saberes Ambientais.....	44
5. Princípios da Educação Ambiental Comunitária.....	50
6. A Região de Itapuã.....	59
6.1 A Aldeia de Itapuã – <i>Tekoa Pindo Miri</i>	62
7. Perspectivas Teóricas para Pesquisa e Análise.....	69
8. Caminhos para compreender meu fazer na pesquisa em educação: Considerações metodológicas.....	73
8.1 Aprendendo a Compreender a Escuta e o Silêncio.....	80

	14
8.2 O processo de Construção das relações de pesquisa.....	83
9. Aprendizados do <i>Xeramói</i> Adolfo Verá.....	89
10. Dádiva das Sementes.....	95
10.1 A Caminhada até Piraquara/PR.....	100
10.2 A Aldeia <i>Karugua</i> , Piraquara/PR.....	104
11. Sobre a Crise Ambiental que vivemos: desertos e oásis.....	107
12. Cuidar e Trocar: potenciais e processos educativos das sementes e do plantio.....	110
12.1 Diálogo na compreensão das questões sócioambientais: Caminhos educativos.....	113
12.2 Compartilhado Sabores e Saberes: Buscando a diversidade cultural e ambiental.....	116
13. A Colheita da Pesquisa.....	117
Para Finalizar.....	121
Referências Bibliográficas.....	125
Anexos.....	128

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é o registro de uma caminhada de pesquisa, que possibilitou a reflexão sobre a relação entre sementes e culturas a partir do diálogo de saberes entre a cultura Guarani, a agroecologia e as perspectivas da complexidade ambiental.

Essa rede de saberes, significados e trocas levou-me a perceber, refletir e analisar os significados das sementes, especialmente de milho e os aprendizados que se revelaram como cultivo, como alimento e como ritual. A partir dessa busca, sobre os significados das sementes, muitos temas emergiram das conversas, entrevistas e vivências com o povo Guarani; como por exemplo a relação entre os plantios e a cultura, os alimentos tradicionais, a percepção da crise ambiental que vivemos, suas origens e perspectivas, a espiritualidade e as dinâmicas das trocas.

Pensar e reconstruir os caminhos percorridos pelas sementes nos levam a percorrer parte da história da própria civilização humana, indicando momentos de trocas entre as diversas culturas que se encontram e se distanciam. Hoje, resgatar raízes culturais ligadas a América do Sul, como as do povo Guarani, é uma oportunidade de permitir a diversidade e fugir da monocultura globalizada.

A agroecologia é uma ciência que se desenvolve tanto por pesquisadores como pelos próprios agricultores e está baseada na diversidade da produção, na preservação dos ecossistemas e da qualidade de vida da terra, do agricultor e de quem se alimentará do que foi produzido. Podemos dizer que o pensar agroecológico possibilita a vivência de uma mudança de paradigma para uma perspectiva sócioambiental e a valorização e reconhecimento dos saberes dos povos tradicionais,

que em diálogo podem aumentar sua auto estima e a esperança no potencial de seus sonhos e formas de viver.

Encontrar com as experiências das redes de sementes e dos valores aprendidos a partir da preservação da própria semente pelo plantador traz novos sentidos para o que queremos preservar: o valor do alimento que comemos ou produzimos e o forte laço que une as pessoas também são sementes destes processos de mudança.

Ao longo deste trabalho apresento os estudos teóricos e as vivências que fomentaram em meu ser a necessidade de reconhecer e pesquisar sobre esses saberes ambientais.

Tendo a cultura definida por Freire (2000) como sendo o esforço criador do ser humano, esta pode ser encontrada tanto nas obras de arte de artistas consagrados, quanto na sabedoria que se adquire no selecionar das sementes. Tanto nos cantos e rezas Guarani, quanto na realização e escrita desta pesquisa.

A dissertação está dividida em treze capítulos curtos, a partir da apresentação de meus caminhos de pesquisa até a definição do tema específico que resultou nesta dissertação. Realizo reflexões sobre as sementes e os saberes como instrumentos de resgate e recriação cultural dos povos. Faço uma apresentação teórica sobre o povo Guarani e reflexões, a partir de referências de outros autores, sobre saberes ambientais, complexidade ambiental e educação ambiental comunitária. Descrevo a região e a aldeia de Itapuã/RS, o processo de construção das relações de pesquisa e meus registros de diário de campo já sistematizados a partir foco da pesquisa. Também registro as considerações teórico metodológicas que sustentaram minhas

escolhas e caminhos, minhas dificuldades e medos enquanto pesquisadora e as conquistas para sua superação.

Para concluir o texto há uma discussão sobre a crise ambiental que vivemos e os potenciais e processos educativos das sementes e do plantio. Parto do diálogo como fator indispensável na compreensão das questões sócioambientais e na busca pelo reconhecimento da diversidade cultural e ambiental.

1. SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA: BUSCAS E CAMINHOS

Por que estudar as sementes?

Por que pesquisar junto ao povo Guarani?

Por que buscar os saberes tradicionais ligados ao plantio?

Por que registrar como grupos preservam as sementes, plantando-as e multiplicando-as a cada ciclo?

Quais sementes plantamos?

Que plantas deixamos crescer?

Que frutos deixamos?

Qual nossa arte?

O que criamos e reinventamos juntos e sendo um?

Por onde andei? Quantas coisas li e vivi. Muitos aprendizados que espero compartilhar através das palavras e histórias que aqui registro e conto. Sei que conto, que tenho meu jeito de contar e que ainda o estou descobrindo. Gosto de ir colando e colorindo, costurando, tingindo, plantando e colhendo: palavras, encontros, sementes, vivências, sentimentos e trabalho. Sou mulher, mãe, filha; já tive mais coragem e ousadia, neste momento retomo-a mais forte. Parti da busca por uma educação ambiental comunitária, termo que muito inspirou minha proposta de dissertação e encontrei as sementes e plantações, especialmente de milho, entre o povo Guarani que vive hoje em Itapuã, Viamão/RS.

Muitas foram as pessoas que colaboraram e compartilharam este tempo de pesquisa, sei que os agradecimentos já foram feitos mas é preciso aqui destacar de

que forma interagi e fui pesquisando, vivenciando a beleza e o cuidado que o cuidar da terra exige. Complementando a pesquisa, nos finais de semana de 2006, enquanto cuidávamos de nossas filhas Laura e Maria Terra, acompanhei e participei do plantio de sementes de milho arco-íris na chácara de Rodrigo Wolff, produtor agroecológico em Sanga Funda, Terra de Areia/RS e meu querido companheiro. Juntos realizamos uma visita a aldeia Guarani em Piraquara/PR para participar do *nimongarai* (ritual anual dos Guarani, na época do milho verde, quando o líder espiritual da aldeia recebe o nome das crianças que nasceram naquele ano). O convite para participar do *nimongarai* veio de Luiz, querido amigo da aldeia de Piraquara/PR, plantador e conhecedor dos milhos e das formas de plantio tradicionais.

Sei que aqui não respondo a todas as minhas perguntas e inquietações, também sei que muito mais precisa ser pesquisado, para ser registrado, analisado e dar sua contribuição, mas já me sinto mais segura para apresentar o que até este momento de escrita pude realizar. Já percebo que o que deixo aqui pode fertilizar outras sementes, tranqüila por minha contribuição, espero que juntos possamos produzir bons frutos. De diversidade, de beleza, de sabedorias, de alegria. Gracias a la vida.

1.1 A definição do foco de pesquisa

Na apresentação de minha proposta de dissertação um dos principais comentários da banca era a necessidade de definir melhor o objetivo da pesquisa e escolher um tema mais específico, visto que o tempo de mestrado não era suficiente

para realizar o que ali estava sendo proposto. Parti de minhas experiências anteriores em projetos de extensão em Educação Ambiental realizados durante a graduação em Ciências Biológicas junto a uma entidade ecológica, CLEPEI – Comissão de Luta pela Efetivação do Parque Estadual de Itapuã, grupo que atuava no movimento ecológico gaúcho e foi um dos grandes responsáveis pela consolidação do Parque Estadual de Itapuã e pelo reconhecimento da necessidade de participação e formação da comunidade local na sua administração.

Ao longo de 4 anos de trabalhos, entre 1994 e 1998, realizamos muitas ações entre elas destacaria: apresentação de um audiovisual sobre a região, 1ª e 2ª Mostra Fotográfica Imagens de Itapuã, oficinas com a comunidade escolar realizadas em encontros semanais e com temas escolhidos em reuniões com professores e funcionários, vistorias ao Parque, diagnóstico socioambiental da região, curso de formação de guias de ecoturismo local, Encontro Estadual de Entidades Ecológicas, proposta de gestão ambiental participativa para o Parque Estadual de Itapuã. Estes trabalhos estão registrados em anais de congressos de educação ambiental, unidades de conservação e nos salões de iniciação científica e de extensão da UFRGS.

Em 1999, realizamos em parceria com a Faculdade de Educação/UFRGS e Fundação o Boticário de Proteção à Natureza o Curso de Educação Ambiental: Escolas Vivas para Itapuã, com objetivo de contribuir na capacitação dos educadores locais e elaboração de projetos específicos para suas escolas. Após o curso formou-se uma rede de educação ambiental da região de Itapuã e que atualmente inclui a região do Lami.

Atualmente busco a integração dos saberes ambientais indígenas, acadêmicos e agroecológicos na construção de um pensar e um agir que contribua na compreensão e manutenção da vida na sua diversidade e equilíbrio dinâmico, possibilitando vivências educativas com sensibilidade e criatividade.

Voltando para a proposta, tinha como objetivo inicial desenvolver a pesquisa de mestrado com quatro grupos de Itapuã (Associação de Condutores Locais de Ecoturismo, Conselho Consultivo do Parque Estadual de Itapuã, uma escola pública da região e aldeia Mbyá-Guarani) levantando demandas e saberes ambientais sobre a região e analisando a relação entre estes grupos e o Parque Estadual de Itapuã.

Quando escrevi a proposta acreditava que o trabalho seria possível, mas as limitações de tempo, tanto para a pesquisa de campo, quanto os estudos, leituras, reflexões e análises, bem como as indicações da banca a partir da apresentação da proposta trouxeram a necessidade de reduzir as intenções e focar melhor a pesquisa.

A definição do foco específico da pesquisa – **sementes e culturas, saberes indígenas e agroecologia** - foi se delimitando também a partir de uma busca e uma reflexão mais consistente e fundamentada tanto nas vivências em contato com a aldeia Guarani, quanto com a literatura, outros pesquisadores e plantadores de sementes. Posso dizer que agora já percebo os limites e as possibilidades de um projeto de pesquisa e descubro o grande desafio de articular sonhos pessoais, vivências, relações com outras culturas com as leituras, discussões, análises e fundamentação teórica que o trabalho acadêmico demanda.

Ao longo deste percurso, a partir da orientação do Professor Dr. Nilton Bueno Fischer, foi possível perceber, com liberdade e cuidado, um caminho que gostaria e poderia trilhar. Fui vivendo a pesquisa e definindo, com mais clareza, de que o foco

estava nas sementes e nos saberes compartilhados que surgiam dessa proposta.

Optei e fui deixando-me levar por pesquisar junto aos Mbyá-Guarani, apesar dos alertas da banca para a limitação de tempo na compreensão de uma nova cultura como a dos povos indígenas.

Optei pelo desafio. E ao longo do trabalho de pesquisa tive encontros quinzenais com a Aldeia de Itapuã, além do contato com a agroecologia, leituras e reflexões individuais e a possibilidade de formação e diálogo na universidade, onde está a base para esta pesquisa.

É preciso registrar minha participação na implementação do projeto Conexões de Saberes, coordenado pela professora Maria Aparecida Bergamaschi. Formamos e ainda estamos formando um grupo importante de diálogo e ação dos universitários (de todos os níveis – técnicos, graduação, pós-graduação, professores e pesquisadores - de classes populares presentes na universidade pública tendo como eixo básico o diálogo entre os saberes acadêmicos e populares. Este projeto também reviveu em mim a força do trabalho em grupo com muito respeito, criatividade, cuidado e engajamento na busca de uma universidade pública que reconhece a necessidade de corrigir dívidas históricas com a diversidade cultural brasileira, especialmente negros e indígenas.

1.2 Sobre a proposta e a questão de pesquisa:

O encontro com os Guarani e o caminho das sementes

Este trabalho é um estudo bastante recente, sobre e com o povo Guarani, mas o contato com sua cultura, história e realidades despertaram os caminhos desta

reflexão. Ainda durante a construção da proposta de dissertação, ao reler minhas anotações nos diários de campo, percebi que meu maior interesse sempre esteve com os Guarani. Mantive um contato permanente com a aldeia de Itapuã/RS durante todo o período de mestrado e suas demandas e saberes sempre instigaram-me a seguir pesquisando. Em Itapuã desenvolvi a pesquisa de campo e a partir dos encontros e entrevistas realizei os registros em diário de campo e as transcrições. Meus principais interlocutores foram Seu Adolfo, 89 anos e Dona Angelina, 79 anos – casal Guarani que vive com três netos em Itapuã/RS, na aldeia indígena Tekoa Pindo Miri. Seu Turíbio, cacique da aldeia e sua esposa Dona Laurinda, Kuña Karai, também fizeram parte do convívio sempre que ia até a aldeia e, em alguns momentos também Seu Lourenço, recente morador da aldeia de Itapuã. Em uma das visitas foi possível um contato mais longo com Vitalina, irmã de Dona Laurinda.

Nestes encontros as vivências mais significativas foram relacionadas as questões ligadas as sementes e as plantações, destaco a alegria de caminhar entre o milharal em janeiro de 2005, ver a diversidade de sementes e frutos de porongo serem trabalhados pelas mãos de uma jovem Guarani que fazia cuias, pratos e conchas para sua casa, poder comer melão da roça de Seu Adolfo ao chegar na aldeia no verão. Percebi que sempre que ia até a aldeia levava sementes (inicialmente tomate, mamão, depois milho, amendoim, abóbora, batata-doce) e comecei a observar que todas as casas também possuem suas sementes guardadas para serem plantadas na época. Seu Turíbio tem suas sementes bem guardadas e até a conclusão desta dissertação não mostrou-as para mim, Seu Adolfo e Dona Angelina, os mais velhos e maiores plantadores, também têm as sementes guardadas em garrafas plásticas bem cheias, e assim que aprofundamos nossa

conversa sobre as sementes teve coragem de mostrá-las e muita alegria ao compartilhar sua produção. Também na casa de Vitalina, cunhada de Seu Turíbio, vi um saco cheio de sementes de milho branco dependurado em uma viga de madeira no teto.

Essa rede de saberes, significados e trocas levou-me a perceber, refletir e analisar os significados das sementes de milho (avati) para os Guarani e suas interlocuções com redes agroecológicas. A partir dessa busca sobre o significado das sementes muitos temas foram surgindo em nossas conversas e entrevistas, como por exemplo a relação entre os plantios e a cultura, os alimentos tradicionais, a percepção da crise ambiental que vivemos suas origens e perspectivas, a espiritualidade e a agricultura.

Antes de iniciar a pesquisa tinha muito interesse em saber como os guarani plantavam suas sementes de milho, pois já havia aprendido a plantar sementes coloridas de milho, que chamava de *avati ete* (milho guarani verdadeiro/sagrado) e com a pesquisa pude descobrir que as sementes que conhecia não eram Guarani, apesar de terem um pouco destas.

Também havia aprendido uma forma circular de plantar o milho, onde cada uma das cores da semente é plantada para uma direção: amarelo para o leste, vermelho para o oeste, azul para o sul e branco para o norte. Há muitos saberes envolvidos nesta forma de plantio, que hoje sei são plantios rezados. Achava que esta forma de plantar era comum entre os Guarani, entretanto isso não foi revelado abertamente. Penso que o fato de manterem em segredo maiores detalhes sobre o plantio também é uma forma de guardar um conhecimento próprio.

Quando levamos as sementes a aldeia, que haviam sido plantadas por Rodrigo tive necessidade de saber como essas sementes foram entregues para os juruá, sabia que eram Guarani e que tinham sido entregues a um grupo muito específico em um encontro de comunidades alternativas. Então as perguntas continuavam. Consegui o contato de Luiz, em Curitiba, pois sabia que tinha sido a pessoa que trouxe as sementes para Maquiné/RS e ensinou o plantio em *Maety*. Entrei em contato com ele, que apresentou a necessidade de nos encontrarmos pessoalmente para conversar, pois por e-mail, sem nos conhecermos ficaria difícil contar toda a história destas sementes. Foi através de seu convite que fomos até Piraquara/PR, para conhecer-nos, conversar sobre as sementes e participar do *nimongarai*.

Nosso encontro foi muito importante para a conclusão deste trabalho e possibilitou um novo olhar sobre as sementes com respeito as especificidades de cada povo. Ainda assim não foi possível aprofundar nosso conhecimento sobre o caminho das sementes até Maquiné e os rituais do plantio de milho rezados, pela limitação de tempo, pela necessidade de respeitar os tempos. Acredito que após essa pesquisa, é necessário continuar, especialmente o aprofundamento nas plantações, preparo de alimentos com milho e seus potenciais educativos, de auto conhecimento e para a saúde.

1.3 Plantando e colhendo saberes

Por saber da força da semente

Por sentir a força do milho

Por ouvir suas histórias

Por novas histórias

De julho a setembro, no hemisfério sul, já é tempo de plantio de milho e de outras culturas de verão como amendoim e feijão. Em 2005 vivi o primeiro Setembro em que plantei na minha vida, com a intenção de colher, comer e preservar a semente. Mesmo não estando o tempo todo no cuidado da terra que foi plantada, senti a alegria de ver a semente germinar, a angústia de não saber se a semente vai resistir até ser colhida, chuva, vento, seca, alterações bruscas de temperatura que demandam um novo aprendizado aliado ao resgate de um antigo, proporcionando sua resignificação na relação com a terra e seu potencial de fornecer alimento e vida.

Assim é tempo de plantar e o trabalho não pára se a forma de cultivo não é mecanizada e não se faz uso de agrotóxicos. Tempo de capinar e plantar as sementes de milho, amendoim, aipim, feijão alimentos básicos para quem vive diretamente da terra. Enquanto aprendia a plantar também vivia no mestrado a oportunidade de ver e registrar Seu Adolfo e Dona Angelina cuidando da terra e plantando para preservar suas sementes e garantir seu alimento e sua alegria.

A escrita desta dissertação de mestrado também teve o ciclo de uma plantação de milho, considerando que em 14 de Setembro de 2005, iniciou-se o ciclo de compartilhar e analisar meu processo e minhas reflexões neste mestrado em Educação. Sua escrita foi concluída em Fevereiro de 2006 e a apresentação e defesa

pública em 23 de março deste mesmo ano. Utilizando registros de diário de campo, leituras e fichamentos, anotações e reflexões, encontros, vivências e conversas realizadas ao longo de quase dois anos de estudo, compartilho a partir de agora os caminhos e as pequenas trilhas que foram surgindo ao longo deste processo. Acredito que estas são reflexões bastante iniciais sobre um tema que a cada momento me instiga e proporciona novos aprendizados.

2. O POVO GUARANI

Nossos avós, nossos avozinhos, todos nós estamos perdendo os ensinamentos de *Nhanderu*. Nós somos as últimas gerações, os filhos caçulas dos nossos avozinhos. E por isso temos que nos fortalecer, ouvir e seguir as orientações de nossos avós, para eles terem força para continuar também fortalecendo a todos. Todos nós, quando vamos para a Terra, temos o objetivos de fortalecer nossos pais e nossos avós e parentes. É assim que vem o Dom para cada um de nós. Dona Aurora, *Krexu Miri* (in Ladeira e Matta, 2004)

Os Guaranis compõem um dos tantos povos que habitavam a América do Sul, anteriormente a invasão dos primeiros colonizadores portugueses e espanhóis. Segundo Ladeira e Matta (2004), estima-se que na época da invasão a população Guarani era de no mínimo 2 milhões de pessoas e atualmente somam cerca de 70 mil localizadas entre o Brasil, Argentina e Paraguai. Diferente de muitos povos indígenas que tiveram sua língua esquecida e seus costumes incorporados e sufocados pela cultura europeia reproduzida no Brasil, os Guarani conseguiram manter viva sua cultura, sua fala, suas histórias, seu modo de vida, sua espiritualidade.

Caracterizados a um só tempo pela unidade e pela fragmentação, os Guarani tiveram no início do século XVI os primeiros contatos com os europeus. A unidade pode ser explicada por uma mesma língua de origem tupi que identificou uma vasta população que, na época da conquista, habitavam a região das terras baixas, úmidas e férteis da América do Sul, território equivalente ao que hoje conhecemos como aquífero Guarani. Mais precisamente, essa localização corresponde as bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. (Bergamaschi, 2005, p.107)

Curt Nimuendaju (IBGE, 2002) importante referência histórica sobre os povos indígenas da América do Sul, e em especial o povo Guarani, ao elaborar o mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes, inicialmente desenha todos as bacias hidrográficas, rios e cursos d'água onde estes povos viveram por muitos milhares de anos para então incluir as localizações e rotas migratórias dos mesmos. O que comprova a forte relação e dependência destes povos com os recursos hídricos e todos os ecossistemas a eles relacionados.

As diferenças dialetais, dos costumes e práticas rituais multiplicam os Guarani em parcialidades e são definidas como *Mbya*, *Nhandéva* e *Kaiowa*, tanto por pesquisadores como pelos próprios Guaranis. Segundo Ladeira e Matta (2004), os *Mbya* vivem atualmente na região oriental do Paraguai, no nordeste da Argentina (província de Misiones), Uruguai e Brasil. No Brasil estão presentes em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo próximos ou em áreas remanescentes de mata atlântica. Também no estado do Pará (município de Jacundá e Ituporanga) e em Tocantins (Xamboiá) encontram-se aldeias *Mbya*,

originários de um mesmo grupo que vieram do Paraguai para o Brasil a mais de cem anos.

Atualmente, os espaços ou territórios ocupados pelos Guarani são chamados de aldeias e estas podem ser locais de assentamento ou acampamento – com uso como passagem ou para venda de artesanato. Em Guarani os locais onde se vivia eram chamados de *Tekoa*, o que representa o local onde se pode viver a cultura, seu *Teko* ou modo de ser.

Habitar o habitat é localizar, no território, um processo de reconstrução da natureza, a partir de identidades culturais diferenciadas. É arraigar as u-topias que, sem suporte material e simbólico, se converteriam em eco-logias sem espaço, em potencialidade sem lugar de enraizar-se, em geo-grafias sem sentido. O habitat, suporte da vida, lugar onde se assenta o verbo habitar, é o espaço em que se desenvolvem as atividades produtivas, culturais, estéticas e afetivas do ser humano. (LEFF, 2001; p. 286)

As *Tekoa* de hoje em poucas regiões atendem aos critérios ambientais e culturais, por isso sendo chamadas *Tekoa* com muita cautela e restrição, mas ainda muito presente na lembrança vivida de outros tempos, o tempo do *xeramói* (ancião, meu avô), no imaginário de muitos e na vivência atual de poucos. Onde há hoje abundância de caça, mata, água boa e roça, onde o caminhar Guarani pode ser guiado por uma busca coletiva e orientações espirituais?

Segundo Ladeira (1992) in Felipim (2001) a dimensão do mundo *Mbyá* é formada pelos *Tekoa* que através de sua distribuição geográfica, representam os suportes e estruturas do mundo.

Um *tekoa* Guarani pode ser definido como sendo um local capaz de produzir e reproduzir a cultura e a identidade Guarani (Meliá, 1990, 1997) reunindo condições geográficas, ecológicas e estratégicas que permitam compor um espaço político-social fundamentado na religião e na agricultura de subsistência (Ladeira, 1992 *in* FELIPIM, 2001).

Garlet (1997) em sua dissertação sobre a mobilidade guarani na atualidade alerta que “embora houvesse uma predisposição cultural para esta dinâmica, a mesma foi superdimensionada e intensificada pela situação do contato interétnico.”(p.48) De acordo com esse autor, os *Mbya* seguiam um ritmo característico de ocupação do espaço pelo revezamento das famílias com intervalos que podem envolver vários anos, proporcionando assim a recuperação dos solos, o repovoamento da caça e a renovação das fontes de coleta. Assim, seu caráter caminhador constitui-se uma estratégia para a manutenção de seu modo de ser e para a dinamização de suas relações com o espaço.

Hoje muitos grupos Guarani já reconhecem ser necessário manter espaços físicos mais permanentes, tanto para garantir as terras indígenas já demarcadas quanto a demarcação de terras de uso tradicional Guarani, uma das maiores necessidades na atualidade.

Os *Mbya* tem seu centro de origem cultural o Paraguai, chegaram ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná a partir da região de Misiones na Argentina. Um estudo bastante detalhado sobre os territórios ocupados pelos *Mbya* e as problemáticas advindas da colonização são discutidas na dissertação de mestrado de Garlet (1997).

Podemos identificar nos Guarani um povo historicamente religioso, mantendo em sua cosmologia forte relação com as divindades, sendo *Nhanderu* (nosso pai, o criador) o mais divulgado para os *jurua* (não indígenas), e tendo uma busca espiritual individual, atingir o estado individual de *aguyje* (perfeição) e coletivamente a busca por *yvy marãey* (uma terra sem males), um dos movimentos migratórios de caráter mítico-religioso historicamente descrito por muitos etnógrafos clássicos do povo Guarani como Nimuendaju (1987), Schaden (1962) entre outros.

Na identidade *Mbya* há forte presença da agricultura e com atenção especial ao cultivo do milho, que é considerado uma planta sagrada, regulando ciclos de festas tradicionais como o *nimongarai*, ritual anual, na época do milho verde, onde o pajé recebe o nome das crianças e realizam-se cantos e danças para abençoar as pessoas e a colheita.

Em Nimuendaju (1987) encontramos seu relato sobre o *nimongarai*, apresentada como uma festa de paz e harmonia, que já na época de seu relato não acontecia mais em muitas aldeias:

Esta dança se realiza uma vez por ano, na época em que os frutos da lavoura, especialmente o milho, estão verdes, isto é, entre janeiro e março. A festa tem a finalidade de proteger tanto os homens quanto as plantas e animais comestíveis durante todo o ano contra os maus eflúvios. (...) Os preparativos começam com vários dias de antecedência. A casa de dança é preparada, cozinha-se milho que as meninas mastigam para fazer o *caguijy* (bebida fermentada de milho), fazem-se excursões a mata para buscar mel, cera para as velas *tataendy*, frutos silvestres e caça; os adornos de penas são consertados e outros novos confeccionados; cozinha-se a tinta vermelha do urucu. (Nimuendaju, 1987, p.89)

Para os guarani o milho é chamado *avati/avaxi* e a semente de milho selecionada e cuidada pelo povo Guarani *avati ete* (milho verdadeiro). Dentre as variedades de *avati ete* podemos encontrar sementes de quatro cores e suas combinações em amarelo, branco, azul e vermelho. Assim os *avati ete* ainda são divididos em *avati ju* (milho amarelo), *avati xi* (milho branco), *avati ovy* (milho azul) e *avati pity* (milho vermelho). As sementes que aparecem com os grãos pintados em listras com mais de uma cor são chamadas *avati para*.

Ikuta (2002), em sua tese realizada na aldeia da Varzinha, município de Riozinho/RS, buscou conhecer as práticas de cultivo, coleta e manejo de espécies vegetais utilizadas para a alimentação e o artesanato. Identificou em seu estudo cinco tipos diferentes de milho: *avati ju* (milho amarelo de espiga pequena), *avati si* (milho branco e de grão macio), *avati para'i* (espiga com grãos coloridos), *avati ju guaçu* (espiga com grãos amarelos e grandes) e *avati'i* (milho precoce de espiga pequena e grãos macios).

Garlet (1997) ainda refere-se a uma variedade de milho extremamente baixa e com ciclo precoce – 60 dias – *avati mitã*. As demais variedades cultivadas pelos *jurua* são chamadas *avati tupi* e não possuem valor quando plantadas para o consumo, mas podem ser usadas para alimentar animais, venda ou troca. As sementes para se manterem puras devem ser plantadas separadas entre si por faixas de mata ou como explica Benito de Oliveira, citado por Garlet, “onde uma qualidade não possa enxergar a outra” evitando assim o cruzamento de espécies distintas. Atualmente, devido as restrições ambientais das aldeias (pouca extensão de áreas agriculturáveis, baixa fertilidade do solo) nem todas as variedades são cultivadas em um mesmo

local, então cada comunidade se preocupa com o cultivo de uma, ou de algumas variedades, permitindo assim no total a manutenção do germoplasma total.

Avati Ovy

Orema, orema

Roaxamvy ro` ú aguã

Avati ovy, avati ovy

Ro` ú aguã

Avati Ovy

Ro` ú aguã

Avati ovy, avaty ovy

Milho azul

Quando passarmos

Para o outro lado do oceano

Comeremos

Milho azul

Há para comeremos

Milho azul, milho azul

No outro lado do oceano

Há para comeremos

Milho azul

Há para comeremos

Milho azul, milho azul

Esta música Guarani, cantada nos rituais da *opy (casa de reza)* e gravada no CD do Grupo de Canto e Dança *Nhãmandu Mirim*, representa a forte ligação que os Guarani possuem com o milho, como um alimento espiritual e que está inclusive presente no seu ideal de busca de *Yvy marãey*, uma terra sem males, que mitologicamente estaria localizada do outro lado do oceano e como a música expressa, o desejo e a fé de que do outro lado do oceano há milho azul para comer.

Com relação a alimentação do Guarani, segundo Ikuta (2002), o milho e a mandioca são os principais alimentos representando de 40 a 58% da dieta básica do Guarani agricultor. Observa-se também o cultivo da *jety* (batata doce), *andai* (abóbora), *sandiáu* (melancia), *kumanda* (feijão), *manduvi* (amendoim), *pakova* (banana), *takuaree avaxi* (cana de açúcar) e *nana* (abacaxi).

Nos registros históricos, o cultivo das plantas alimentares realizado pelos Guarani se caracterizava pela diversidade de cultivares e pelo plantio consorciado, ou seja, dentro das áreas manejadas não faziam monoculturas (grandes extensões de terra com somente uma espécie). A soma dos recursos alimentares, animais e vegetais (cultivo e coleta) alcançava mais de mil itens de consumo ao longo do ano. Muitas plantas úteis eram cultivadas em o que hoje chamamos agroflorestas – sistemas agrícolas desenvolvidos pela humanidade que preservam e utilizam consórcios e interações entre árvores, arbustos, palmeiras e cultivos anuais para alimentação humana, fibras e recursos de madeira, além da possibilidade de espécies cultivadas para troca e venda. (Vivan, 2003)

Os Guarani possuíam uma grande diversidade de tecnologias relacionados a cultura material como registra Noelli (1993) in Ikuta (2002):

- a) equipamentos e estratégias de sobrevivência (arco e flecha, arco de bolas, lanças, boleadeiras, canoas, armadilhas para caça e pesca, redes, instrumental portátil de caça, anzóis, peneiras, puçá, etc.
- b) equipamentos para uso doméstico e de trabalho com trançado, tecelagem, cerâmica, moluscos, rochas, madeira e couro.
- c) utensílios para preparar, servir e armazenar alimentos (pau de cavouco, estrados e armários, *tipiti* (cilindro oco e comprido trançado de palha para espremer a mandioca), ralador, recipientes de madeira, pilão e mão de pilão, peneiras, abanos, colher, espátula, pá, escumadeira, pano de limpeza, vassoura e escova, cestos, cobertura para recipientes, cabaças, “facas” de capim, taquara e dentes, fogão, grelhas para defumar, utensílios de transporte para lenha, produtos da roça, frutos, etc.

A relação entre a busca pelo estado de *aguyje* (perfeição espiritual) e a alimentação pode ser observadas em alguns relatos como no depoimento de Perumi, líder religioso da Varzinha:

“...alguns *Karai* não querem comer carne, alimento do branco, sal. Se alimentando somente com “alimento do antigo” por dois, três anos, para se purificar. Aí o sangue é só sangue, *Ñanderu* cresce dentro, no coração e está pronto para trabalhar.” (in Ikuta, 2002, p.152)

Quando Ikuta pergunta a Perumi sobre a possibilidade de se voltar a comer a comida de antigamente foi enfático: “tem que voltar”. (...) E ressalta: “tem que plantar para sacar o alimento. Comer *mbyta* (bolo de milho), *kagüjy* (bebida não fermentada de milho e imprescindível na dieta de quem quer dedicar-se aos

exercícios espirituais). Mas é um problema, os mais jovens não querem comer mais. Eu e Juancito seguir sistema do antigo". (in Ikuta, 2002, p. 162-163)

As atividades de caça, pesca e coleta podem ser consideradas fundamentais na manutenção do território e da cultura, especialmente no início do contato interétnico proporcionando aos Guarani a auto suficiência econômica e o isolamento do contato com os colonizadores. De acordo com Noelli (1993) in Garlet (1997) as atividades de coleta eram resultantes de um manejo bastante complexo e seletivo a fim de não levá-los ao esgotamento, este manejo favorecia os deslocamentos periódicos dos grupos sempre em busca de locais onde pudessem encontrá-los de forma abundante. Hoje em dia as atividades de caça, pesca e coleta são de pouca expressão dentro da realidade econômica e ambiental atual.

A caça está restrita a animais de pequeno porte, limitada ao que se encontra hoje e é possível caçar, esta se realiza através da disposição de armadilhas em matas próximas a aldeia ou nos arredores das roças. As armadilhas podem ser do tipo *mundé* (mundéu – feita com galhos e tronco de árvores) – como vi em Itapuã e *ñuã* (laço).

Lista de animais nativos da Mata Atlântica e relacionados a cultura Guarani

NOME GUARANI	NOME POPULAR BRASIL	NOME CIENTÍFICO
<i>Tatuete</i>	Tatu verdadeiro	<i>Dasypus novencintus</i>
<i>Tatupoju</i>	Tatu peludo	<i>Eufactus sexcinctus gilvipes</i>
<i>chi'y</i>	Quati	<i>Nasua narica</i>
<i>Jaicha</i>	Paca	<i>Coelogenys paca</i>

<i>Akuti</i>	Cutia	<i>Desiprocta aguti azarae</i>
<i>ka'api'iva</i>	Capivara	<i>Hydrocaeris hydrocaeris</i>
<i>apere'a</i>	Preá	<i>Cavia porcellus aperea</i>
<i>jacu charatã</i>	Araquã	<i>Ortalis cornicollis</i>
<i>araku</i>	Saracura	
<i>Mbycure</i>	Gambá	<i>Didelphys marsupialis</i>
<i>Inambu guaçu</i>	Nanbu	<i>Rynchotus rufescens</i>

Elaborada a partir de Garlet, 1997. P.107)

Listas das espécies coletadas

Frutos Silvestres, presentes na mata atlântica

NOME GUARANI	NOME POPULAR BRASIL	NOME CIENTÍFICO
<i>Pindo</i>	Geriva	<i>Arecastrum romanzofianum</i>
<i>Jatai</i>	Butia	<i>Butia capitata</i>
	Guavirova	<i>Campomanésia xantocarpa</i>
<i>Yva pytã</i>	Pitanga	<i>Eugenia pitanga</i>
	Araça	<i>Psidium cattleianum</i>
<i>Aguai</i>	Aguai	<i>Crysophylum viride</i>
	Cereja	<i>Eugenia involucrata</i>
<i>Yva viju</i>	Guabiju	<i>Myrciantes pungens</i>
<i>Arachiku</i>	Araticum	<i>Rollinia rugulosa</i>
<i>Inga</i>	Inga	<i>Inga marginata</i>

	Goiaba do campo	<i>Feijoa sellowiana</i>
<i>Jeruchi apysa</i>	Chal-chal	<i>Allophylus edulis</i>

Lista de Abelhas nativas utilizadas pelos Guarani

NOME GUARANI	NOME CIENTÍFICO
<i>Jate'í</i>	<i>Trigona jaty</i>
<i>Tapesu'a</i>	<i>Trigona tubiba</i>
<i>Eirapua/ Eirusu</i>	<i>Trigona amalthea</i>
<i>Eiraviju</i>	<i>Melipona nigra</i>
<i>Eirati</i>	<i>Listremellita limao</i>
<i>Mandori</i>	
<i>Eiropa (européia ou africanizada)</i>	<i>Apis mellifera</i>

As tabelas anteriormente elaboradas, a partir dos registros de Garlet (1997,p.107), podem ser um instrumento interessante para perceber a relação dos Guarani com o ambiente ao qual estão relacionados. Muitas das plantas acima citadas também fazem parte dos agroecossistemas da mata atlântica e são conhecidos pelos moradores, mais antigos ou mais interessados na mata destas biorregiões. Pode-se também observar e realizar um estudo sobre os nomes atribuídos as espécies no diálogo de saberes entre os conhecimentos indígenas, do saberes populares e do saber acadêmico ou científico.

3. AS SEMENTES E OS SABERES: RESGATE E RECRIAÇÃO CULTURAL

As sementes, a partir do seu surgimento, desenvolveram estratégias para com criatividade ocupar os espaços terrestres, aumentando assim a diversidade de espécies vegetais, bem como suas interações com outras espécies vivas.

Por milhares de anos os seres humanos foram caçadores e coletores dos seus alimentos, então a diversidade de ambientes e de culturas possibilitaram uma diversidade de estratégias de alimentação, levando inclusive a domesticar animais e plantas, selecionar espécies preferidas, tornando-as mais produtivas. Como espécie humana chegamos à tornar espécies vegetais tão integradas em uma relação interdependente que hoje muitas variedades de sementes precisam da ação humana para serem cultivadas. É o caso da maioria de nossos alimentos vegetais da atualidade como, arroz, milho, soja, feijão, trigo e muitos outros.

O milho cultivado (*Zea mays mays*, L.) constitui um dos exemplos mais citados com relação à atuação dos processos evolutivos ao longo de milhares de anos e à forte influência da seleção humana sobre este cultivo.

É o resultado da domesticação e da seleção artificial praticada pelos povos autóctones da América, (...) o milho cultivado e domesticado não dispõe de um mecanismo de propagação e dispersão natural, dependendo totalmente da ação humana para sua sobrevivência. (Felipim, 2001, p.3)

Na história da humanidade a agricultura apresenta tanto um caráter de estratégia de sobrevivência como de manifestação do sagrado. Segundo Eliade (1969), para a maior parte dos povos primitivos agricultores o ano novo corresponde

ao tempo onde a nova colheita é proclamada comestível e inofensiva para toda a comunidade. Assim os rituais que regem a renovação das reservas alimentares asseguram a continuidade da vida.

Pode-se também relacionar a agricultura e o cultivo de grãos como um dos importantes fatores para a valorização da mulher nas comunidades primitivas. Eliade (1995) afirma que foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares, desenvolvendo um amplo conhecimento sobre os ciclos, as colheitas e a preservação das sementes. Assim o prestígio social da mulher também manifesta-se no modelo cósmico da figura da Terra-Mãe. A agricultura assim está intimamente relacionada a um sistema religioso amplamente articulado e relacionado aos cultos à Terra-Mãe a fecundidade humana e agrária. As sociedades caçadoras, compostas por grupos menores e nômades centradas na figura masculina, tinham outras experiências religiosas e outros ritos, pois estas estão fortemente vinculadas às questões econômicas, culturais e de organização social. Para esses povos o cosmos é um organismo vivo, que se renova periodicamente. O mistério da inesgotável aparição da vida corresponde à renovação rítmica do cosmos. É o valor religioso que fez com que as plantas fossem cuidadas e cultivadas.

Os estudos de Eliade (1969 e 1995) apontam diferenças e o que ainda está presente no ser humano atualmente que são influências dos antigos povos autóctones, ou seja, originados e com cultura desenvolvida a partir de seu ambiente e das relações que estabelecia com animais, plantas e outros povos da mesma região. Os povos autóctones, como os Guarani na América do Sul, são seres religiosos, no sentido de considerarem a vida e as relações como manifestações cósmicas compreendidas a partir de suas histórias sobre as origens, acontecimentos

e ciclos – das plantas cultivadas, das estações, dos nascimentos e mortes, das festas e cerimoniais – sempre vinculadas a uma visão e cosmologia sobrenatural repleta de espiritualidade.

O sagrado ainda hoje pode se manifestar como uma experiência de colocar no centro, de valorizar algo e possuir. O milho pode ser considerado um dos cereais mais sagrados para os povos americanos, sendo na cosmogonia dos Maias-Quiches a planta que deu origem aos seres humanos (Asturias, 1974). Para muitos povos todas as etapas de cultivo: a semeadura, o cuidado da planta na terra e a colheita, são repletos de significados e realizam-se através de rituais que incluem rezas, canções, intenções e uso de outras plantas sagradas, como o *pety* (tabaco) no caso dos Guarani.

Os saberes ambientais do povo Guarani com relação as sementes de milho e aos seus usos, como alimentos preparados de diferentes formas e relacionados a rituais, ainda estão sendo estudados. Trabalhos, como a dissertação de Felipim (2001), registram de forma bastante consistente como essa cultura ainda está viva e é valorizada.

Garlet (1997) apresenta o cultivo do milho pelos Guarani não como finalidade econômica, mas por seu valor religioso, sendo um alimento que sustenta o indivíduo e a sociedade. Determinando o ritmo da vida social, envolvendo o preparo das roças e do plantio, a colheita e os diversos rituais relacionados aos ciclos de desenvolvimento da planta.

(...)quando o novo ser é associado a palavra-alma de onde procede coincide com o auge da colheita de milho, ou o tempo do *tembiu aguyje* (frutos maduros). É uma das raras ocasiões em que os *Mbya* ainda podem se reunir e ainda que de forma ritualizada, viver e expressar a plenitude da vida. As mulheres preparam *mbojape* (pães) e *mbyta* (bolos de milho), enquanto os homens providenciam o mel, de preferência da abelha nativa *jataí* (*Trigona jaty*) que deve ser consumido junto com os produtos da roça, após processados pelas mulheres. Durante estes dias de reunião – festa – ritual é muito valorizada a possibilidade de dispor, oferecer e consumir o *kaguijy* (bebida não fermentada feita do milho). Depois de três noites de cantos e danças rituais, o *mitã renói* responsável pela cerimônia deve “descobrir” o nome da criança, isto é, introduzi-la na sociedade dos homens com identidade equivalente a que possui no mundo dos deuses. (Garlet, 1997, p. 101-102)

Assim o milho pode ser considerada uma planta que possibilita a conexão entre dois mundo (espiritual e terreno) e também como fator integrador da comunidade.

Muñoz (2003) em seu artigo sobre Saber Indígena e Meio Ambiente apresenta um registro sobre os saberes comunitários que se reafirmam junto ao povo Maya-tzetal, nos altos de Chiapas, México. É muito forte a ligação que estes apresentam em relação ao cultivo do milho, considerado um fruto da memória, cultivado com cuidado e sabedoria, repleto de significados e mitologias, onde o ser humano, em sua origem, tornou-se perfeito quando o criador o fez de milho.

Quando criaram o homem, de terra o fabricaram e o alimentaram de árvores de folhas (...) porém não falava, não andava, não tinha nem sangue, nem carne segundo contam nossos avós (...) Só os animais

sabiam que existia alimento (...) E foi no corpo do coioote morto que foram descobertos os primeiros grãos de milho e de massa de milho, e do sangue da anta e da cobra se fez a carne do homem. (Recinos, 1980 apud Muñoz 2003, p.297)

Atualmente, as sementes tem possibilitado em muitos povos e grupos de agricultores tanto um resgate de auto-estima, de culturas agrícolas abandonadas pela compra de sementes e insumos quanto da força do trabalho coletivo. Em Bangladesh o relato de uma experiência de trabalho com sementes revela seu potencial e a necessidade do cuidado para garantir a semente:

O pilar central no sistema da nova agricultura é o trabalho conjunto, principalmente para guardar sementes. Cada casa tem seu banco de sementes particular, e cada comunidade possui um centro onde são compartilhadas e onde se juntam os recursos. Como terceira salvaguarda, cada centro tem um centro de preservação de toda área, onde se estocam milhares de variedades. Em Tangali, centenas de garrafas de vidro, repletas de sementes, são penduradas nas vigas de uma casa. Cada qual é cuidadosamente etiquetada com o nome, lugar de origem, nome científico e número. Ao todo só este centro guarda 1400 variedades cultivadas. Há 298 de arroz, 68 de feijão, 16 de milho, 31 de trigo, 36 de pimenta, 7 de batatas, 4 de mostarda e várias outras espécies também. (Greenpeace, 2001, p.18)

4. SOBRE OS SABERES AMBIENTAIS

Realizo uma reflexão a partir de um questionamento que foi feito durante uma disciplina de mestrado: A sua área de conhecimento está suficientemente equipada para pensar a problemática ambiental?

Penso que a partir das concepções da complexidade ambiental somente uma área de conhecimento não é suficiente para pensar a problemática ambiental. Considerar uma situação como complexa coloca-nos na posição de que muitos são os enfoques e as relações que se estabelecem para compreender e buscar caminhos frente a estas realidades. Esta busca de integração de saberes leva-nos a considerar que o diálogo e a construção de práticas interdisciplinares são caminhos que não podem ser desconsiderados se queremos realmente buscar a compreensão da crise ambiental atual. Crise esta que está na base de nossa concepção hegemônica de mundo e de ciência, desconsiderando a vida como um processo interligado e dinâmico e assumindo uma postura limitada e centralizadora frente aquilo que necessitamos, criamos e observamos.

A partir de minha formação acadêmica posso dizer que para pensar as questões ambientais, é urgente a necessidade de abrir-se para o diálogo com outras instâncias de saber, não no sentido de diluir-se ou de anular-se em uma prática interdisciplinar superficial, mas buscar compartilhar seus saberes, com outras áreas do conhecimento para que as questões ambientais sejam consideradas de forma mais abrangente.

Considero ser necessário explicitar as motivações que geram e geraram as pesquisas nas ciências biológicas, bem como os processos de realização das mesmas, apontando impasses, dificuldades, dúvidas e caminhos escolhidos. Os pesquisadores e as pesquisadoras devem considerar que os conhecimentos gerados estão sendo aplicados e é necessário que haja uma reflexão ética sobre tais pesquisas. Também reconhecer a ciência como uma instância definidora e legitimadora de políticas públicas coloca-nos, mais uma vez, como área comprometida com a temática sócioambiental.

Estar suficientemente equipada para pensar a questão ambiental demanda ainda o reconhecimento de outras culturas, de outros olhares, de outras instâncias de saber como constituintes de relações com o mundo. É necessário questionar quem são os responsáveis pela crise atual. Assim é possível identificar que as relações que estabelecemos hoje e que definem nossos modos de ser tem suas origens na relação do ser humano como sua subjetividade e coletividade dentro de uma perspectiva histórica e cosmológica com forte influência cultural.

Novos rumos podem ser definidos a partir do momento que as questões atuais da humanidade forem encaradas com seriedade e criatividade, visto que se o que se deseja são novos caminhos é preciso que o passado seja reconhecido e superado.

E que saberes são necessários para essa mudança de rumos?

A ciência, nossa principal fonte de respostas, também vive um momento de questionamento, originados tanto de alguns de seus pesquisadores como de muitos indivíduos, grupos e movimentos que de alguma forma interagem com o

conhecimento científico produzido na academia. Quando a ciência está baseada no poder exclusivo da razão, considera os componentes isolados estáveis e a sua produção como neutra e livre de valores, legitima disciplinas e considera válido somente aquele conhecimento produzido no meio acadêmico. Esta mesma ciência legitima aqueles que desejam possuir, dominar, exterminar terras e culturas, com respaldo político e uma lógica exclusivamente econômica.

Entre os questionamentos colocados para as ciências, inclusive as biológicas, torna-se necessário refletir sobre:

os pressupostos epistemológicos (o que está na raiz, o que é a base destes conhecimentos);

os procedimentos metodológicos ligados aos conhecimentos e pesquisas;

a relação que se estabelece entre pesquisador e fatos ou sujeitos pesquisados;

A fim de contribuir nas práticas de tomada de decisões sobre as questões ambientais, tais como importância dos ecossistemas locais, segurança alimentar, fontes energéticas, matérias-primas utilizadas é importante questionar qual o papel das populações locais nos processos de resolução dos problemas. Assim “o conhecimento de um local específico e os recursos das comunidades locais terão de ser integrados de forma complementar ao conhecimento universal e à prática científica tradicional” (Funtowicz e De Marchi, 2003). Estes autores consideram que uma complexidade reflexiva, característica dos sistemas sociais, frequentemente oscilam entre a hegemonia e fragmentação. Se a diversidade é desejável, e

intrínseca aos sistemas naturais, no campo humano exige uma vigilância constante e um compromisso para que se dê e se mantenha.

Vivemos hoje a “urgência de potencializar processos intelectuais e práticos para a compreensão integral e complexa dos processos humanos, sociais e ambientais e a construção coletiva de um futuro sustentável.” (Riojas in Leff, 2003, p.219)

No âmbito das questões ambientais relacionadas às demandas e saberes dos povos indígenas, especialmente neste estudo o povo Guarani, penso que estamos trilhando um caminho bastante frutífero, que busca uma articulação de saberes e reconhece as especificidades de cada povo. É preciso destacar que muitas dessas articulações, já visíveis em iniciativas acadêmicas, são escassas nas políticas públicas e nos órgãos governamentais, o que intensifica ainda mais a demanda por um diálogo e pelo reconhecimento dos diferentes saberes.

A crônica a seguir, escrita por Rubem Alves, apresenta também um questionamento sobre os saberes e traz a necessidade do sonho como uma instância do real:

“ O homem deve reencontrar o Paraíso...”

Era uma família grande, todos amigos. Viviam como todos nós: moscas presas na enorme teia de aranha que é a vida da cidade. Todo dia a aranha lhes arrancava um pedaço. Ficaram cansados. Resolveram mudar de vida, um sonho louco: navegar! Um barco, o céu, as estrelas, os horizontes sem fim: liberdade. Venderam o que tinham, compraram um barco capaz de atravessar mares e sobreviver tempestades.

Mas para navegar não basta sonhar. É preciso saber. São muitos os saberes necessários para navegar. Puseram-se então a estudar cada

um aquilo que teria de fazer no barco: Manutenção do casco, instrumentos de navegação, astronomia, meteorologia, as velas, as cordas, as polias e roldanas, os mastros, o leme, os parafusos, o motor, o radar, o rádio, as ligações elétricas, os mares, os mapas... Disse certo o poeta: "Navegar é preciso", a ciência da navegação é saber preciso, exige aparelhos, números e medições. Barcos se fazem com precisão, astronomia se aprende com o rigor da geometria, velas se fazem com saberes exatos sobre tecidos, cordas e ventos, instrumentos de navegação não informam "mais ou menos". Assim, eles se tornaram cientistas, especialistas, cada um na sua – juntos para navegar.

Chegou então o momento da grande decisão – para onde navegar. Um sugeria as geleiras do sul do Chile, outro os canais dos fiordes da Noruega, um outro queria conhecer os eróticos mares e praias das ilhas do Pacífico, e houve mesmo que quisesse navegar as rotas de Colombo. E foi então que compreenderam que, quando o assunto era a escolha do destino, as ciências que conheciam para nada serviam. De nada valiam números, tabelas, gráficos, estatísticas. Os computadores, coitados, chamados a dar palpite, ficaram em silêncio. Computadores não tem preferências – falta-lhes essa sutil capacidade de "gostar", que é a essência da vida humana. Perguntados sobre o porto de sua escolha, disseram que não entendiam a pergunta, que não lhes importava para onde estavam indo. Se os barcos se fazem com ciência, a navegação se faz com sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber "como as coisas funcionam", tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação. Mas o coração humano, lugar dos sonhos, ao contrário da ciência, é coisa imprecisa. Disse certo o poeta: "Viver não é preciso." Primeiro vem o impreciso desejo de navegar. Só depois vem a precisa ciência de navegar. (Alves, 2004, p.73 e 74)

Se já sabemos que precisamos sonhar para saber para onde devemos caminhar (como bem nos diz os saberes Guarani), ou levar nosso barco, também

precisamos estar alertas para os riscos que correm os saberes ambientais, principalmente os indígenas, de serem apropriados por empresas de biotecnologia, repletas de dispositivos legais e estratégias de pesquisa e produção visando lucro.

Neste sentido Leff (2001) nos alerta para a necessidade de uma ética ambiental fundada no reconhecimento “do poder dos saberes coletivos sobre a natureza, organizados por diferentes matrizes culturais” e ainda que a “privatização da biodiversidade é um processo de apropriação que deixa os povos indígenas desprovidos de seus saberes, alienados de seus sentidos, desarraigados de suas terras.”

O saber ambiental reconhece identidade de cada povo, sua cosmologia e seu saber tradicional como parte de suas formas culturais de apropriação de seu patrimônio de recursos naturais. Também se inscreve dentro dos interesses diversos que constituem o campo conflitivo do ambiental. Emergem dali novas formas de subjetividade na produção de saberes, na definição dos sentidos da existência e na qualidade de vida dos indivíduos, em diversos contextos culturais. (Leff, 2000 a apud Leff, 2003, p.232)

O conceito de saber ambiental aqui presente, está fundamentado nas idéias de Leff (2003). Este autor a partir de uma análise muito profunda da crise ambiental e social do nosso tempo apresenta o saber ambiental como algo atual, que emerge da necessidade de buscar caminhos para a solução das questões, também atuais e urgentes, que nos deparamos hoje. A problemática da vida na terra e das relações humanas, sempre condicionadas pelo contexto histórico, podem assim serem revistas e transformadas. Suas considerações também alertam para a valorização dos saberes dos povos indígenas e a necessidade de considerar o campo ambiental como

disputa de interesses e de poder, o que vai de encontro com os alertas de Freire (2000) para a necessidade se identificar, e ter sempre presente, há existência dos contra-sonhos.

Em contraposição ao conhecimento unificador que legitimava a ciência o saber ambiental Leff (2003) propõe uma nova ordem social fundada na produção de múltiplos saberes, o diálogo entre valores e conhecimentos e a hibridação de práticas tradicionais e tecnologias modernas. Demanda assim um processo de reconstrução dos saberes e práticas que dá impulso a novas estratégias conceituais, capazes de integrar os processos da vida, a tecnologia, a cultura e a economia considerando a necessidade de reapropriação da autogestão da vida produtiva dos povos.

Um dos caminhos para a construção de novos rumos, articulando o sonho e a coragem de navegar com o desafio de uma busca coletiva que considere e tenha como meta a sustentabilidade ambiental pode ser buscado através da educação ambiental comunitária como complemento e mais um elemento de diálogo com a educação formal. Ambas integradas e conscientes da necessidade de reflexão constante sobre suas práticas.

5. PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA

A educação comunitária surge como um movimento de educação não-formal que tendo um forte componente político e cultural busca articular as questões de produção econômica, com a valorização da cultural local e dos valores espirituais para a manutenção, recuperação ou criação da autonomia das comunidades em um

processo permanente, coletivo e integrado ao contexto sócio-político-econômico mais amplo.

A educação ambiental comunitária aqui apresentada segue como um desdobramento da educação popular, caracterizada como uma educação que se compromete com a realização de um projeto social considerando as classes populares e integrando-se a realidade social e ambiental. Através de minha dissertação procurarei aprofundar as reflexões sobre estas ações coletivas e educativas no campo ambiental.

Podemos destacar entre as ações de educação ambiental popular e comunitária aquelas que integram as comunidades ou os sujeitos coletivos na gestão dos recursos ambientais e na busca de alternativas às questões reais de cada local. A problemática ambiental está cada vez mais globalizada e obedece aos apelos da sociedade de consumo como, poluição, falta de emprego, desvinculamento dos ciclos naturais, perda cultural local e não valorização dos conhecimentos populares num processo de esquecimento das alternativas simples às questões locais, supervalorizando a tecnologia e o urbano, impondo padrões de desejos e beleza.

Em relação à autonomia das comunidades rurais um trabalho de educação comunitária realizado em pequenas aldeias da Tailândia contribuem para exemplificar estes princípios:

O que podiam fazer era aprender a confiar neles mesmos e não em outros para a solução dos seus problemas. Seu primeiro passo foi parar de acreditar na divisão do trabalho e nas forças do mercado. Começaram a produzir para o seu próprio consumo, contando tanto quanto possível com seus próprios esforços, mais do que com fatores externos. Isso significa que eles usaram somente a sua força de trabalho e a de sua família e não contrataram trabalhadores de fora ou alugaram máquinas. Evitaram ou fizeram uso mínimo de fertilizantes e

inseticidas. Suas novas práticas e conceitos criaram o que agora se chama agricultura integrada. (PUNTASEN *in* POSTE e ZIMMER, 1995)

Apresentarei com clareza o processo descrito neste artigo de Puntasen (1995) por considerá-lo importante como um referencial de educação comunitária que respeita as especificidades culturais e espirituais de um grupo e estimula a construção de autonomia. Certamente muitos outros exemplos existem e sua socialização possibilita parâmetros para que possamos, como educadores e pesquisadores, colaborar com as comunidades que estamos interagindo sem criar um processo de dependência onde as soluções, as alternativas, os recursos sempre venham de fora e não estejam vinculados a conquistas da própria comunidade. Neste caso descrito o autor aponta o impacto das grandes agroindústrias e da penetração dos ideais e práticas do capitalismo como um dos fatores determinantes frente a desintegração das comunidades aldeãs e os caminhos para a valorização e recriação das culturas autóctones. O autor sustenta a valorização de uma “sabedoria local” e a necessidade de investimentos intelectuais para contribuir neste processo. A partir de um histórico das políticas internacionais que contribuíram para o estabelecimento das agroindústrias de grandes propriedades, juntamente com a utilização de fertilizantes e inseticidas, incremento no turismo, expansão da indústria com isenção de impostos, desvalorização da moeda local, entre outras medidas também observadas em muitos países, inclusive no Brasil.

Como alternativa, alguns agricultores, após enfrentarem períodos de miséria, iniciaram o processo de transição para a agricultura, por eles definida, com integrada e bastante semelhante a chamada agricultura orgânica, sustentável ou ecológica no Brasil.

Isso significa iniciar vários processos de produção ao mesmo tempo, utilizando as sobras de um processo para beneficiar um outro processo e com a finalidade de produzir não para o mercado, mas para o consumo da própria família. Um exemplo de agricultura integrada é a criação de peixes e patos nos arrozais. Os excrementos dos patos nutrem os peixes; os patos talvez comam peixes pequenos mas também comem os caranguejos que destroem os caules do arroz; os peixes comem insetos que atacam as plantações do arroz; os excrementos dos peixes fertilizam o arroz. Os agricultores também podem plantar árvores frutíferas, hortaliças, cogumelos e árvores florestais para madeira. É essencial que a agricultura autônoma seja compreendida no nível individual para que cada agricultor se conscientize, mudando o padrão de produção de acordo com a sua própria sabedoria. Em alguns casos, a agricultura integrada pode até produzir um excedente significativo para venda no mercado. Significativamente, a agricultura de autonomia está em conformidade com a cultura budista da sociedade tailandesa. (Puntasen, 1995, p.134)

O autor destaca que entre os agricultores integrados neste processo observa-se um aumento da qualidade de vida, onde destaca-se a saúde, a criatividade, tempo para lazer e participação social. A utilização de práticas de agroflorestas para cultivo de espécies frutíferas também estão sendo vivenciadas com manejo de ecossistemas para melhor utilização da capacidade produtiva das pequenas propriedades.

Ele faz isso plantando árvores de diferentes alturas que se apoiam mutuamente. As árvores altas com raízes profundas absorvem os nutrientes das camadas profundas do solo, tornando-as acessíveis para as árvores menores com a camada de suas folhas em decomposição. As árvores pequenas que cobrem o chão retêm a umidade do solo para as árvores maiores. As árvores de porte médio beneficiam-se com a

provisão de nutrientes e a umidade das árvores grandes e pequenas e, por sua vez, dão sombra para as árvores que cobrem o solo. (Puntasen, 1995,p.136)

Aqueles agricultores que possuem o controle sobre as sementes que utilizam conseguem ter um custo de produção bastante reduzido e realizam seu trabalho num ambiente criativo. Apesar das dificuldades e do trabalho constante que a agricultura exige sentem-se satisfeitos com seu trabalho, o que pode ser comprovado inclusive em Porto Alegre/RS, quando conversamos com agricultores ecológicos que comercializam seus produtos em feiras semanais de produtos sem utilização de agrotóxicos.

Na realização de uma reflexão teórica sobre a possibilidade de aldeias autônomas a partir de um contexto cultural local, partindo do conceito budista dos cinco componentes do ser humano – corpo, sensibilidade, memória, consciência e intelecto - a comunidade aldeã também tem cinco componentes: valor espiritual, atividade econômica, tecnologia, educação e cultura.

O valor espiritual é visto como fator central que controla as atividades econômicas. Estas, por sua vez, controlam os padrões da tecnologia, da educação e da cultura. O tipo de tecnologia empregado determina a utilização dos recursos naturais e o estado do meio ambiente. A educação e a atividade econômica também produzem efeito nos valores espirituais. (Puntasen, 1995,p.136)

A desintegração das aldeias vem de um processo onde há adoção dos valores capitalistas e dos valores espirituais a eles associados, desencadeando um padrão com fortes exigências materiais, do tipo experimentado nas comunidades urbanas. O

que faz com que os aldeões procurem aumentar sua produção adotando a monocultura ou vinculando-se a alguma agroindústria de forma dependente. Observa-se ainda a alienação e o desinteresse dos jovens pela sabedoria da comunidade, perda do respeito pelo saber dos anciãos e busca dos padrões de vida urbanos. Os recursos são explorados e esgotados numa proporção alarmante, levando a deterioração do nível de vida, do meio ambiente, da cultura e do equilíbrio ecológico.

Para reverter essa tendência, uma mudança cultural profunda é necessária na aldeia. Ao lado dessa resistência cultural, a autonomia tem de se tornar a forma predominante da atividade econômica, apoiada por uma tecnologia apropriada. (..) O equilíbrio ambiental e ecológico tem de ser conservado para prover recursos sustentáveis para a aldeia. O fator principal é a reversão para a sabedoria da aldeia, não somente na sua forma tradicional, mas complementada com os conhecimentos e as experiência do mundo de fora. (Puntasen, 1995, p. 137)

Felizmente existem muitas pessoas e grupos interessados, atuantes e criativos construindo alternativas às questões mais relevantes para suas vidas. Soluções que brotam do íntimo, de uma inquietação que não permite viver a vida conforme as regras impostas pelo mercado. Ações que surgem do resgate de uma sabedoria esquecida, do cuidado com os mínimos detalhes, da coragem de trabalhar no que se acredita, de concretizar sonhos em conjunto, estudar, visualizar novas teorias que abarquem essa complexidade emergente e esse desejo de viver com mais dignidade.

Algumas experiências podem ser registradas como o trabalho desenvolvido nas escolas do MST, as cooperativas de artesanato com recursos naturais manejáveis – podemos citar o trabalho das mulheres do Vale da Solidão em Maquiné/RS que

produzem peças de artesanato com fibra de bananeira ou as bordadeiras do Piauí que conseguiram junto, com as pastorais, reduzir o índice de mortalidade materno-infantil, analfabetismo e desemprego através de um trabalho educativo e produtivo. Ainda podemos destacar as iniciativas de hortas ecológicas comunitárias urbanas que tem surgido em muitas comunidades e escolas da cidade de Porto Alegre/RS, as gestões participativas em unidades de conservação e as iniciativas populares de autogestão. Podemos observar que grande parte dessas alternativas brotam do próprio povo e embora sejam consideradas muitas vezes amortecedoras de conflitos sociais podemos constatar que são também de grande valor para um resgate da auto-estima popular, oportunidade de aprendizado de participação social e política e potencializadoras de articulações com outros grupos e alternativas de produção de bens mais belos, autênticos, originais e saudáveis. Cabe ao poder público e judiciário identificar formas de reconhecer estes trabalhos como socialmente necessários e propor, quem sabe, uma reforma trabalhista coerente e justa para as classes populares. Se estas práticas fossem mais valorizadas certamente haveria uma diminuição do comércio informal (camelôs) que mostra-se hoje como uma das poucas alternativas às pessoas desempregadas, sem formação técnica e cultural para inserir-se nesse atual e excludente "mercado de trabalho".

Um dos grandes autores desta área é Joaquim Esteva Peralta (2003), pesquisador mexicano que aponta alguns princípios destas práticas. Entre eles pode-se dizer que a educação ambiental popular caracteriza-se por:

Compreender o sujeito da educação como ente ativo e criativo, transformador, com consciência social e competência técnica, capaz de desfrutar os bens culturais e de participar nos espaços cidadãos.

Conceber o ambiente como entorno natural e cultural.

Entender o diálogo como via básica da aprendizagem, como ato democrático e de reforço da auto-estima individual e coletiva.

Buscar uma visão sistêmica a respeito da conjunção de modelos de organização institucional, de linhas de ação, de conteúdos educativos e de metodologias de promoção social no marco do esforço multidisciplinar e intersetorial.

Não acreditar que a consciência individual das situações e o manejo de sistemas remediáveis (gasolina sem chumbo, reciclagem sem questionar o consumo) possibilitarão soluções definitivas a problemática ambiental.

Buscar a solução conjunta das demandas dos movimentos ambientais e sociais.

Os princípios apresentados anteriormente definem as práticas, mas antes de iniciarmos um trabalho de educação ambiental é necessário que tenhamos claro (ou que busquemos esclarecer) nossa intenção educativa, os princípios epistemológicos que sustentam nossas idéias e práticas, nossa concepção sobre os sujeitos educativos (educadores e educandos), nossos princípios pedagógicos e metodológicos como nos alerta Freire (1996).

Há necessidade de uma revolução no íntimo de cada um e essa transformação passa por um processo que também é coletivo conforme podemos observar nos trabalhos de Baron (2004). Este autor alerta que devemos passar de uma pedagogia de resistência para uma pedagogia de libertação como forma de podermos enfrentar, com igual condições, o fascínio do neoliberalismo. Baron (2004) aponta para a necessidade da autodeterminação para que a revolução se dê tanto subjetiva quanto coletivamente:

Assim, precisaremos debater e definir os valores e princípios de libertação que sustentarão e transformarão a resistência. Mas temos que aprender a praticá-los. Precisaremos demonstrar respeito pela fragilidade, humanidade, individualidade, prazer, necessidades, conhecimentos e sentimentos de cada pessoa. Precisaremos colaborar, não dirigir. Escutar e perguntar, não pré-julgar. Abrir e dialogar, não discursar. Empatizar e entender, não condenar. Experimentar e participar, não apressar e dominar. Valorizar a resistência (pessoal e coletiva) como conhecimento, não marginalizá-la ou ignorá-la. Entender e afirmar os princípios da diversidade, autodisciplina e prazer consciente numa cultura de libertação em relação aos princípios de unidade, disciplina coletiva e sacrifício numa cultura de resistência. Se pudermos integrar uma metodologia e uma cultura de libertação numa proposta econômica e política, cooperativa e convincente, poderemos enfrentar e ocupar a mentira e o vazio espiritual que estão no centro do neoliberalismo. (Baron, 2004,p.64)

Entre as estratégias de libertação este autor destaca a necessidade de se desenvolver projetos comunitários (facilitados por coordenadores da própria comunidade) que resgatem, estudem e iluminem suas histórias de sobrevivência, conflito e resistência.

A citação seguinte também reforça essa necessidade de autoderminação pessoal e coletiva como estratégia de reconhecimento de saberes e demandas:

Básico é o que devolve a pessoa humana o que é essencial para que ela seja, pense, se reconheça e atue como tal. É básica a reconstrução de uma identidade autêntica, a redescoberta de um sentimento de dignidade pessoal e coletiva, solidariamente partilhada...Básica não é a inclusão quase servil em projetos governamentais e tutelados de "desenvolvimento local", mas a participação consciente e crítica no processo de reconstrução de seu próprio mundo, a partir de uma

motivação consciente de co-responsabilidade e partilha democrática do poder de decisão. (Brandão, 2001,p. 38)

Podemos considerar a cidadania como uma construção coletiva onde o próprio indivíduo transforma-se e transforma seu entorno ao perceber-se parte de um processo maior. Cada vez mais a construção de espaços educativos de cidadania que verdadeiramente permitam a valorização das culturas, o estímulo à diversidade e ao respeito são necessários. É certo que vivemos simultaneamente tempos de pós-modernidade, modernidade e barbárie e quem sabe uma percepção ética dessas diferentes realidades possa trazer linhas de ação mais justas.

6. A REGIÃO DE ITAPUÃ

Itapuã é um distrito da cidade de Viamão/RS, localizado na bacia hidrográfica do Lago Guaíba. Distante 60 km de Porto Alegre, mantém preservados ecossistemas remanescentes do entorno do Guaíba e Laguna dos Patos e grande diversidade cultural expressa por comunidades de descendentes de açorianos, alemães, japoneses e indígenas. O distrito possui 2 unidades da indústria de produção de ovos e frangos de corte Avipal, pequenas propriedades rurais, haras, e grandes áreas com gado.

Na região dá-se o encontro da Laguna dos Patos e do Lago Guaíba, onde está localizado o Farol de Itapuã. O distrito ainda é subdividido em microrregiões – Vila de Itapuã, Colônia e Varzinha.

A região mais urbanizada constitui a Vila de Itapuã, onde há intensa atividade de veraneio durante o verão, uma colônia de pescadores, a Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, lojas, bares, restaurantes, camping, pousada e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Genésio Pires.

Durante os últimos anos, após a efetivação do Parque, antigos e novos moradores têm se dedicado ao turismo rural, náutico e ecológico, com a implementação de hotéis fazenda, empresas e associações de ecoturismo.

Muitas histórias podem ser contadas para caracterizar a região, partindo do que hoje existe e do que já existiu podemos visualizar ambientes naturais e culturas com todos os seus conflitos, lembranças e transformações, além do grande potencial ainda por ser. A tese de doutorado de Hassen (2005) apresenta uma etnografia da Vila de Itapuã/RS, a partir de um grupo de mulheres que se reúnem para trabalhar com a seleção de resíduos sólidos e iniciam um processo de alfabetização de adultos.

A Vila de Itapuã é a região onde encontram-se os supermercados, alguns bares e restaurantes, o cartório, uma escola estadual de ensino fundamental e médio, uma igreja de construção açoriana e muitas casas, sendo algumas de veraneio e outras de moradores. Também existe na vila um salão de festas comunitário, a associação de moradores e uma marina às margens do Lago Guaíba. A Varzinha é a região mais isolada, banhada pela Laguna dos Patos possui poucas casas e tem um fluxo maior de pessoas durante o verão, quando é procurada por banhistas. A Colônia de Itapuã leva este nome por abrigar uma grande comunidade de imigrantes japoneses que cultivam hortigranjeiros que abastece grande parte do mercado de Porto Alegre.

Na região chamada Colônia também há o Hospital Colônia Itapuã, construído no governo de Getúlio Vargas para tratar e isolar pacientes com hanseníase e atualmente também com pacientes psiquiátricos.

A aldeia Guarani também está localizada nesta microrregião, assim como o Parque Estadual de Itapuã, hoje unidade de conservação, onde em seus 5533 hectares encontram-se ecossistemas naturais remanescentes da região do entorno do Estuário do Guaíba e Laguna dos Patos, alguns em fase de regeneração e outros bastante preservados, como banhados, matas de restinga, campos rupestres de rochas graníticas e matas de encosta. Na região já foram encontrados sítios arqueológicos Guarani. Historicamente, foi o local de início da colonização Açoriana no Rio Grande do Sul e também ponto estratégico durante a Revolução Farroupilha no chamado "cerco a Porto Alegre".

Atualmente, não há moradores no interior do Parque e os antigos proprietários, que foram retirados pelo governo do estado, ainda não receberam por suas terras desapropriadas. Na área do Parque também existiam loteamentos clandestinos (construídos após a decretação da unidade de conservação), extração de granito e criação de gado.

Os Guarani solicitam a utilização de algumas áreas do Parque para a constituição de uma aldeia, visto que a área é um local de uso tradicional Guarani. Também manifestaram interesse em participar das ações de educação ambiental no Parque e nas escolas da região. Penso que essas possibilidades devem ser consideradas com seriedade e respeito, com muito diálogo e planejamento conjunto entre unidade de conservação, ONG's indigenistas, ambientalistas e universidade. Trabalho que demandará um esforço bastante grande de todos os envolvidos, mas

que certamente trará resultados transformadores na visão das unidades de conservação e comunidades tradicionais, tema muito discutido atualmente, o que também demandaria uma outra pesquisa.

6.1 A aldeia de Itapuã – *Tekoa Pindo Miri*

Conheci a aldeia Guarani de Itapuã, *Tekoa Pindo miri*, durante o primeiro ano de mestrado, em 2004, quando elaborava a proposta de dissertação. Havia participado de uma reunião do conselho consultivo do Parque Estadual de Itapuã, pois pensava que este também poderia ser um local de pesquisa. Nesta reunião foi feito o relato de uma visita de um grupo do conselho à aldeia Guarani. Estavam preocupados pois os Guarani haviam solicitado que gostariam de participar dos projetos de educação ambiental do parque e nas escolas, tinham interesse em morar na área, vender artesanato (essas demandas foram relatadas tanto nesta reunião, quanto pelos próprios Guarani em uma de nossas primeiras conversas). Sentindo os Guarani como uma ameaça, não cogitavam a possibilidade de haver uma aldeia na área do parque. Tiraram como proposta da reunião a necessidade de construção de um quiosque para venda de artesanato fora da área do parque.

Até a conclusão desta dissertação nenhuma relação efetiva foi constituída entre a administração do parque e os Guarani. Apesar deste não ser o foco específico dos registros e análises da pesquisa o tema sempre estava presente e era constantemente assunto quando chegava na aldeia, pois as condições ambientais, presentes no local onde vivem os Guarani hoje, estão longe de ser às desejadas para que a cultura Guarani possa ser vivida, cultura essa profundamente ligada a mata, a

roça e as águas. Como não há vertentes e fontes de água na terra existe, uma caixa d'água grande concluída no final de 2005 com encanamentos próximos a cada casa. Antes de ser constituída aldeia Guarani a área era um eucaliptal, que foi cortado e sua madeira utilizada na própria aldeia e também vendida, uma vez que o eucalipto não é uma árvore nativa e não faz parte do modo de ser Guarani.

O eucalipto tem seu centro de origem na Austrália, ou seja é uma planta exótica no Brasil, e é largamente plantado em esquemas de monocultura de árvores como fonte de madeira para construção e celulose. Um das conseqüências do plantio de eucalipto em vastas extensões é a grande demanda de água, diminuindo o lençol freático (rios de água subterrânea) do local e levando a exaustão dos componentes orgânicos e minerais do solo. O eucalipto já é conhecido dos Guarani e em algumas aldeias tem causado sérias conseqüências ambientais, como nos depoimentos da Aldeia da Boa Esperança/ES onde hoje existe uma grande plantação de eucalipto da Aracruz celulose, registrados em Ladeira e Mata (2004, p.104):

Na nossa aldeia tem um pouco de material para artesanato, mas tem pouco. Para cobrir a casa tem pouco material. O que tem mais é eucalipto. Não tem mais cachoeira, onde tem muito eucalipto o rio seca. Não tem mais peixe, nem mato. Nós estivemos em Brasília falando do problema da Aracruz, porque a plantação de eucalipto destruiu a mata, os bichos e os rios. (Antônio Carvalho)

A aldeia de Itapuã tem 21 hectares cedidos pelo estado que anteriormente pertenciam ao Hospital Colônia Itapuã e é formada por cerca de 9 casas, a *opy* (casa de reza) em construção com materiais adquiridos pela EMATER, através do projeto RS Rural, e as roças. Cada casa é responsável pelo plantio de sua própria roça, mas

muitos não plantam, seja por dificuldades relativas à terra arenosa e pouco fértil, à seca, a venda de artesanato para compra de alimentos nos mercados próximos a aldeia e a doação de cestas básicas por parte de órgãos governamentais e ong's.

Apresento aqui registros de meu diário de campo sobre as primeiras visitas que fiz a aldeia de Itapuã/RS:

"Passamos entre algumas casas e sempre havia gente, as casas são pequenas e em sua maioria de lona preta com telhado de palha, possuem um pequeno cercado feito com galhos médios de árvores e telhadinho que serve de abrigo para as galinhas.

Sempre que chegamos em alguma casa havia algum dos moradores, em uma duas mulheres e cinco crianças. Impressiona-me a beleza das pessoas, sua simplicidade e tranqüilidade. As crianças na maioria das vezes não se distraem com a minha presença e seguem brincando mesmo quando chego perto. Neste dia estavam brincando dentro de caixas de papelão, dispostas uma atrás da outra, três caixas e duas crianças em cada caixa, colocavam potes plásticos dentro das caixas, trocavam de caixa, trocavam os potes, entravam e saíam, numa brincadeira criativa e integradora. Quando comecei a filmar então pararam e fizeram pose como para uma fotografia.

Em outra casa um jovem sozinho sentado fora de casa em silêncio, perguntei ao Seu Turíbio se ele morava sozinho, disse que sua mulher tinha saído para vender artesanato, não lembro como começamos a falar sobre como fazer erva mate e contei sobre minha experiência de participar de um processo artesanal de coletar e secar a erva mate: desgalhar a árvore, construir o carijo (estrutura para colocar as folhas que serão secas), o cuidado em manter um fogo baixo toda noite, a atenção

redobrada quando a erva está bem seca para não incendiar- lição aprendida na prática. Todos sorriram, cumplicidade de um mesmo saber. Seu Turíbio falou sobre o monjolo (local movido um moinho d'água que faz o trabalho de pilar a erva depois de seca). Disse que gostaria de ter um açude e um monjolo ali, mas que não havia água. Depois de um tempo de silêncio nos despedimos e fomos voltando para sua casa.

Durante nossa caminhada dizia que se houvesse mais sementes teria plantado mais, e que os tocos de eucalipto dificultavam o trabalho. O vento era constante e perguntei se ele poderia falar novamente o que havíamos conversado antes para que eu pudesse filmar, disse que o que tinha para falar já havia falado e que conversaríamos mais da próxima vez. Peguei então minha bolsa; na casa a televisão continuava ligada. Nos despedimos com um forte aperto de mão." (Diário de Campo, julho de 2004)

A maior roça, e com grande diversidade de alimentos, é cultivada por Seu Adolfo e Dona Angelina. Durante a pesquisa de campo foi possível acompanhar o processo de preparação da terra, as plantas pequenas, as primeiras capinas e a colheita de milho, aipim, feijão, melão, melancia, batata-doce. Também há um pilão na casa de Seu Adolfo, que é utilizado para fazer farinha de milho.

Para chegar até a aldeia, sem condução própria, é preciso pegar um ônibus em Porto Alegre, toda viagem leva cerca de 2 horas e ao longo do caminho é possível ver a cidade, o ambiente urbano ficando para trás. O ônibus geralmente vai cheio e é sempre presente um grande número de idosos que vem à Porto Alegre

receber aposentadoria, realizar consultas médicas, compras e visitas. Também muitas pessoas que estudam ou trabalham no centro ou zona sul de Porto Alegre.

Ao descer do ônibus, passando o Hospital Colônia Itapuã e Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto Caldas Júnior, há uma grande lomba de areia vermelha que é preciso subir para chegar a aldeia. Este momento de subir a lomba para chegar até a aldeia nunca foi igual, sempre algo se destacava e fica até agora muito presente na lembrança. O sol, a areia seca, a estrada molhada e escorregadia, os passos pesados, o frio e o vento, o calor de queimar os pés no verão.

“A terra da estrada que leva a aldeia estava com uma cor impressionante, que está presente em mim, cor de tijolo queimado, muito fina. Como o tempo estava seco ao pegá-la, a areia se esvai por entre os dedos, fiz isso para senti-la em minhas mãos. Quando chove fica muito escorregadia, segura o caminhar, com tempo seco parece o caminhar sobre dunas. Qual será sua origem na formação geológica? “
(Diário de Campo, 17 de agosto de 2005)

Na aldeia há muitos tocos de eucalipto, algumas árvores foram deixadas para sombra, mas não há uma grande extensão de mata nativa, o que é lembrado sempre por Seu Adolfo. O desejo de morar em uma área mais adequada está sempre presente, mas os Guarani não buscam o enfrentamento, aguardam o momento oportuno. Na etnografia, há relatos de que são guiados por sonhos do *Karai* ou da *Kunhã Karai* para retomarem uma área ou buscarem uma nova aldeia, continuando a caminhada. Pode-se dizer que há um imaginário coletivo construído historicamente nos relatos dos *jurua* de que os Guarani caminham em busca de *Yvy marãey*,

traduzido por muitos como a terra sem males; por Ladeira e Mata (2004) como a terra da eternidade, a terra indestrutível.

Sobres as demandas ambientais da comunidade penso que este registro de meu diário de campo apresenta necessidades bastante claras por parte do cacique da aldeia durante a realização da pesquisa.

(...)

Então disse a Seu Turíbio que havia levado o gravador e coloquei para gravar, fiz perguntas com relação as necessidades do local que estão transcritas no diálogo a seguir:

Jacimara: E aqui para Itapuã o que precisa? Acho que é geral de todas as comunidades, né?

Seu Turíbio: "Sabe o jeito dos indígena é um só. Não é só prá Itapuã. Falta tudo. Falta muitas coisas, falta casa, falta terra boa prá gente plantar, mato, água boa. Ali prá nós é melhor (referindo-se ao Parque), é o que eu acho, do mato. Mas eu gosto do mato, eu sou do mato, agora que eu tô saindo fora, mas eu gosto de caminhar no mato, mato nativo, mato selvagem. Agora se eu morasse fora do mato, aí eu vou precisar tudo. Eu tenho que fazer um projeto muito grande, eu quero ter uma casa boa, água boa, árvore de frutifera prá cima. Se eu tenho água boa, aí eu garanto que eu ia projetar negócio de criação, não era custoso de eu arrumar criação."

Jacimara: Criação de quê?

Seu Turíbio: Criação de gado, de porco, de galinha.

Jacimara: Até de peixe né?

Seu Turíbio: "Até peixe, podia ter uma açude. Precisa prá isso um lugar bão, aonde não falta nada. Mas do jeito que eu tô aqui, já não dá. O índio quer ter tudo, mas não tem como. Tem que fazer projeto, negócio de carroça, arar, prá trabalhar. Aqui não tem como, não tem água boa prôs animais beber, nem pasto não tem. Por isso que eu sempre digo, eu quero achar umas terras boas, um pedaço bom de mato e água boa, tentar criar alguma coisa, plantar umas frutíferas."

A fala de Seu Turíbio, sempre muito pausada, falando devagar, com tranqüilidade e segurança. Estávamos sentados lado a lado, na sombra, junto com outras mulheres, crianças e jovens, em cima de grandes folhas de Pindó (Gerivá, coqueiro alto das matas nativas da região).

Seguiu-se um silêncio em nossa conversa, repleta pelas falas em Guarani, gritos e brincadeiras das crianças e ao som do CD com músicas Guarani, gravado na Aldeia da Estiva, Viamão/RS. (citação do Diário de Campo)

Jacimara: E vocês tem olhado outros lugares. Aqui não, o Sr acha?

Seu Turíbio: "Não. Bom, aqui eu já disse, por logo, alguns tempo mais, vai aumentar a população. Enquanto aumenta, eu vou sair trabalhando, aonde tiver pedaço de terra, com mato e água boa, então eu vou tentar de segurar. Nos tava fazendo conta, temo mais de 3 mil crianças no ano de 2004 e depois que ficar grande daqui 10-15 anos, onde é que nós vamos colocar? Terra tem bastante, tem Capivarí, São Lourenço do Sul também tem, tudo isso vai ser solicitado mais tarde, primeiro eu quero lutar por esse aqui, e eu tô lutando. Todos falam ali, isso aí é de vocês. Esses dias falaram que até o procurador vai entrar na justiça, não sei se é verdade."

7. PERSPECTIVAS TEÓRICAS PARA PESQUISA E ANÁLISE

Durante os caminhos de pesquisa fui apresentada pelo grupo de orientação a Sociologia das Ausências e das Emergências proposta por Boaventura de Souza Santos (2004), a Complexidade Ambiental de Enrique Leff (2003) e, por caminhos próprios encontrei a pedagogia da autodeterminação apresentada por Dan Baron (2004). **Junto com estes autores inicio um diálogo em torno das sementes como elemento de explicitação da diversidade cultural e da biodiversidade na busca pela construção de um saber ambiental com modos de vida sustentáveis e criativos, respeitando, resgatando e recriando culturas.**

Em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. É deste desperdício que se nutrem as idéias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes. (Santos, 2004, p.778)

Para dar conta da riqueza e da diversidade de experiências sociais que vivemos hoje, Santos (2004) propõe " expandir o presente e contrair o futuro. Só assim será possível criar o espaço-tempo necessário para conhecer e valorizar a inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje." (p.779) Como estratégia para expandir o presente, a sociologia das ausências, busca dar visibilidade a diversidade de práticas sociais emergentes como um inconformismo diante do desperdício da experiência. A contração do futuro, a partir de uma sociologia das emergências, permite atuar e visualizar tanto as possibilidades

(potencialidade) como as capacidades (potência) no campo das expectativas sociais. Dessa forma meu olhar sobre os significados e as experiências sociais, especialmente presentes no povo Guarani e nas ações agroecológicas com relação às sementes, pretendem trazer essa perspectiva de ampliação do presente e contração do futuro.

A problematização da necessidade de considerar a diversidade de culturas e ambientes é proposta por Enrique Leff na construção de um racionalidade ambiental onde considera-se outras lógicas e formas de viver na tensividade do diálogo de diferenças, considerando as questões ambientais e possibilitando a construção de um saber ambiental.

A complexidade ambiental se constrói e se aprende em um processo dialógico, no intercâmbio de saberes, na hibridação da ciência, a tecnologia e os saberes populares. É o reconhecimento da outridade e de sentidos culturais diferenciados, não somente como uma ética, mas como uma ontologia do ser plural e diverso. (LEFF, 2003, p. 60)

A relação ser humano-natureza é fundamentalmente uma relação histórica e social, e a crise que vivemos apresenta-se como uma crise sócioambiental. Aprofundar essas questões significa descobrir atores sociais e sujeitos políticos implicados com essa realidade, permitindo uma releitura da relação entre o social e o ambiental.

É impossível discutir com neutralidade o meio ambiente, visto que de um lado há uma versão pasteurizada ou sensacionalista da crise ambiental (ou melhor, sócioambiental) veiculada pela grande imprensa, e de outro há a visão de

trabalhadores, povos indígenas, populações camponesas e grupos ecológicos, que muitas vezes contestam diretamente o poder público e das elites.

Natureza, conforme discute Lenoble (1990), é um conceito que tem um forte componente semiológico, ou seja, ligado aos sentidos e as significações que o horizonte de relações frente a tudo que interagimos e que dispomos para viver. Na história da humanidade a idéia de natureza vem impregnada de sentidos mágicos e míticos que explicam o real a partir de uma outra lógica, que não a racional, incorporada nessa reflexão com o objetivo de ampliar a compreensão deste termos tão problematizados atualmente.

Assim penso que a compreensão do termo natureza deve basear-se em um estudo que procure explicitar o termo frente as diferentes culturas, áreas de saber e correntes de pensamentos. Transcendendo a limitação de construir um conceito único, mas abarcando as redes de significações que se estabelecem e interagem. Quem sabe possamos construir caminhos que não neguem a existência de outros, onde arte e ciência possam dialogar e as relações dos seres humanos entre si e com seu ambiente, sejam mediadas por uma ética ambiental que permita a continuidade da vida.

Penso ser necessário a busca das raízes de uma crise aguda que só será superada com construção de uma nova ética significativa e construída em processos coletivos verdadeiramente democráticos. Acredito que preservação e recuperação de ambientes naturais é uma responsabilidade humana.

Uma importante análise sobre os sentidos e a construção do ideário ambiental é realizada por Carvalho (2002), apresentando as modificações históricas que se processam na relação do homem com a natureza pela razão iluminista, pela visão pastoril da Inglaterra no século XVII, pelas novas sensibilidades burguesas do século XVIII, pelo romantismo europeu e pelo imaginário selvagem, ameaçador e exótico sobre a América dos séculos XVIII, XIX

No campo da complexidade ambiental o ambiente não é concebido somente com uma racionalidade externa, mas também por hibridações objetividade-subjetividade, exterioridade-internalidade. Nesse processo amplia-se a visão de que ambiente é um campo das ciências naturais, transformando um pensamento disciplinar, simplificador e unitário em uma ciência que contemple a diversidade.

Vivemos entre o individualismo consumista e a necessidade de solidariedade. Igualmente o termo desenvolvimento sustentável, tornou-se um termo em disputa visto que já há uma legitimação de que é necessário considerar os aspectos ambientais quando se pensa em desenvolvimento das sociedades humanas, entretanto a simples minimização de impactos já é autodenominada de "sustentável", não gerando uma modificação real nas causas da degradação. Neste caminho de repensar as necessidades humanas, repensar os caminhos que temos

adotado de desenvolvimento, também permite uma compreensão maior da crise sócioambiental. Hoje precisamos muito mais formular perguntas, questionar, colocar nossos conhecimentos à prova, experimentar, reconhecer experiências que já existem em pequena escala para reconstruir os rumos da humanidade. A forte ideologia homogenizadora de respostas, gostos, desejos, arte, cultura não corresponde as necessidades atuais. Até que ponto estamos abertos à mudança e à pesquisa comprometida na construção de um novo modelo social que não negue os avanços tecnológicos, mas que saiba utilizá-los com moderação e consequência.

8. CAMINHOS PARA COMPREENDER MEU FAZER NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Parto de um olhar e de um fazer pesquisa com forte inspiração etnográfica, por considerá-la mais adequada para realizar o trabalho proposto. Esta apresentou-se como um importante instrumento para compreender um cultura e suas significações, especialmente no caso das culturas indígenas, onde torna-se necessário compreender outra cosmologia, outra forma de explicar o mundo e viver. Frente aos alertas dos professores que participaram da banca de apresentação de minha proposta de dissertação, em especial Prof. Dr^a. Carmem Craidy e Prof. Dr. Sérgio Baptista da Silva, e também por uma auto-reflexão das escolhas a partir da proposta inicial da pesquisa e da limitação do tempo de mestrado percebi que as exigências da etnografia não seriam contempladas em sua plenitude. Ainda assim, considero que minha pesquisa tem uma grande influência e embasamento no

método etnográfico e parto das características definidas por Fonseca (1999) que sintonizam com a construção dos caminhos desta pesquisa:

- pesquisador escolhe o “terreno” e depois procura entender sua representatividade;
- chega ao campo com algumas perguntas ou hipóteses que são modificadas no contato com os sujeitos pesquisados;
- o “problema de pesquisa” pode ser modificado pela pesquisa de campo;
- um dado particular pode abrir caminho para interpretações abrangentes;
- após as observações o pesquisador procura definir generalizações possíveis;
- as conclusões devem situar os sujeitos em um contexto histórico e social;
- o autor/pesquisador também deve revelar-se como ser social e a sua subjetividade assumida como um componente essencial da análise.

Essas considerações foram fundamentais para a escolha do método, pois no processo de construção da proposta de dissertação percebi que minha postura como pesquisadora estava imbuída de um olhar etnográfico e frente ao que me propus analisar este parece ser um caminho interessante.

Com relação a validade dos dados obtidos, André (1995) sugere que empregue-se uma diversidade de métodos de coleta de dados, obtidos por intermédio de uma variedade de informantes, em uma diversidade de situações, com uma focalização progressiva do estudo, partindo-se de um perspectiva mais aberta para aspectos específicos que serão aprofundados ao longo do processo de pesquisa. Ao discutir a questão da fidedignidade da pesquisa demonstra que o que se pretende apresentar com base nos dados da pesquisa e no posicionamento do pesquisador, é

uma das possíveis versões do caso, deixando-se aberta a possibilidade de outras leituras/versões existentes. Não considera a reconstrução do real pelo pesquisador como a única ou a correta.

Melucci (2001) aponta como uma importante postura metodológica, ao refletir sobre pesquisas com movimentos e atores sociais, conceber a ação como campo de significados que são construídos através das relações sociais no interior de recursos e vínculos; fala também da necessidade de reconhecer que os atores possuem o sentido daquilo que fazem. A relação pesquisador-ator também deve ser objeto de observação inclusa no campo da ação, submetida a uma explícita negociação e a um contrato entre pares. Apresenta itens de atenção:

- Reconhecer que cada prática de pesquisa implica uma intervenção no campo da ação que deve ser assumida explicitamente;
- Pesquisador deve procurar mover-se no nível da observação e da comunicação e concentrar-se mais sobre os processos que sobre os conteúdos;
- Transformar a ilusão de estar trazendo a "reflexão da verdadeira realidade" e conceber a pesquisa social como um processo auto-reflexivo construído socialmente no interior dos vínculos estabelecidos;
- Pesquisador deve apresentar-se como alguém que dispõe de recursos cognitivos capazes de tornar mais transparente o ponto de vista da relação, capaz de captar informações e trazer diversos olhares sobre a ação. Dessa forma o ator fica estimulado a aumentar a própria capacidade de ação por meio da auto-reflexão.

Em relação à observação participante e ao estudo de caso etnográfico considero ainda algumas observações de Melucci (2001) bastante pertinentes frente à tarefa de estudar as relações e saberes entre sementes e culturas:

- A ação social é pensada como uma rede de significações, colocando fim ao dualismo estruturas/intenções;
- Conhecimento é visto como um processo de construção dotado de elevado grau de auto-reflexibilidade;
- A crise progressiva dos métodos (qualitativos e quantitativos) centralizados na opinião e na representação deixa margens à dimensão intuitiva e emocional do comportamento;
- Relação observador/observado é concebida como um terreno de responsabilidades, espaço de um contrato cognitivo e ético entre pesquisadores e atores.

Questiono-me sobre quem é o observador e quem é o observado. O pesquisador também não está sendo observado? Como colocar-se inteiro neste espaço de troca de saberes, emoções, expectativas que a pesquisa desperta?

Entre as características necessárias para a pesquisa André (1995) aponta que é preciso "saber conviver com as dúvidas e incertezas que são inerentes a essa abordagem de pesquisa. (...) aceitar um esquema de trabalho aberto e flexível, em que as decisões são tomadas na medida e no momento em que se fazem necessárias."

Outras habilidades necessárias ao pesquisador estão a sensibilidade, criatividade, empatia, domínio do instrumental teórico-metodológico. Acrescentaria ainda a importância do diálogo, que deve acompanhar o processo de pesquisa, ter acesso aos dados e participar do processo de negociação com relação à identificação dos depoimentos e relatos. Cabendo ao pesquisador também analisar e explicitar esse processo.

Como ponto de partida e pressuposto básico, temos assumido que o dado não é “dado” e, sim, resultado de um processo bastante complexo de construção, o qual ocorre na relação do pesquisador com o evento pesquisado. O pesquisador é visto como participante ativo da situação e também como um interlocutor. O contato como o objeto de investigação o coloca dentro de uma complexa e dinâmica rede de significações, a qual estrutura e canaliza seus recortes e as interpretações que faz do fluxo de eventos observados, levando a construção de narrativas e significados que podem ser múltiplos. (Rossetti-Ferreira, *et al*, 2004)

Babier (1993) aponta para a necessidade de uma escuta sensível e de uma abordagem transversal enquanto postura do pesquisador social, apontando para a necessidade de três tipos de escuta nas situações educativas: *científico-clínica*, de acordo a metodologia da pesquisa-ação; *poético-existencial*, levando em conta os fenômenos imprevistos e o que há de específico num grupo ou indivíduo; e a *espiritual-filosófica*, que levam em conta a escuta dos valores últimos que atuam no sujeito (indivíduo ou grupo). Percebo tanto em Barbier (1993) no conceito de transversalidade, quanto em Rossetti-Ferreira *et al* (2004) na perspectiva da rede de significações a necessidade da compreensão de uma rede simbólica, composta por referências, valores, mitos, significados, sentidos, no qual os sujeitos estão imersos e onde a vida assume um peso existencial. Para a análise, Fonseca (1999) alerta que é preciso explicitar a diversidade que está presente em uma mesma realidade, “construindo assim a tessitura em que todo o valor, emoção ou atitude está inscrita.”

Sobre esta pesquisa...

O período de observações em campo e leituras tendo como objetivo a identificação e a delimitação do foco da pesquisa e das possibilidades de análise do tema ocorreram durante todo o período de mestrado, a delimitação específica do tema foi definida a partir da banca de apresentação da proposta em março de 2005, dessa forma quase a totalidade do texto aqui apresentado foi escrito durante o último semestre de mestrado.

A pesquisa de campo junto aos Guarani foram desenvolvidas com:

- observação participante registrada em diário de campo. Realizadas mensalmente de agosto de 2004 a fevereiro de 2005 e quinzenalmente de março de 2005 até janeiro de 2006.
- entrevistas semi-estruturadas realizadas para aprofundar temas identificados através das observações, especialmente as memórias relacionadas as sementes, ao plantio e ao preparo de alguns alimentos.
- participação em eventos e encontros com a temática indígena, tanto nas aldeias quanto na universidade.

Foram contatadas inicialmente 3 famílias da aldeia de Itapuã (Família de Seu Turíbio, de Maurício e de Seu Adolfo), entretanto o interesse e disponibilidade maior para colaborar com a pesquisa efetivou-se em uma só família (Seu Adolfo) com quem as conversas sobre o tema foram mais constantes e significativas.

A importância e a necessidade de estabelecimento de um vínculo de confiança entre pesquisadora e colaboradores da pesquisa foi um dos grandes aprendizados deste trabalho e será discutida posteriormente.

Também incluo como atividades de campo, os finais de semana que acompanhei o plantio e o cuidado da roça de milho colorido de Rodrigo Wolff em Terra de Areia/RS, bem como nossas conversas sobre a pesquisa. Foram dois à três finais de semana por mês de Março/2005 até agora – e espero que cada vez mais). A visita em Janeiro de 2006 a aldeia *Karugua*, Piraquara/PR onde participei do *nimongarai* (ritual anual do “batizado” para receber o nome guarani e abençoar os alimentos) e a visita e entrevista com Luiz, também em Piraquara/PR, profundo conhecedor e plantador dos milhos rezados, também foram considerados como momentos de pesquisa registrados em diário de campo, fotos e filmagens.

As conversas foram filmadas em fitas de vídeo 8mm e realizei as transcrições das falas, totalizando 8 horas de gravação.

Percebo que o registro em vídeo e fotos é essencial para que as vivências sejam socializadas e analisadas com mais profundidade. Reitero meu desejo e busca de realizar uma pesquisa tendo como base o diálogo, a explicitação da diversidade, a busca da expressão criativa e sensível dos sujeitos que compõem essa riqueza social e natural que encontramos em muitos lugares quando integramos o olhar com sensibilidade e abertura.

8.1 - Aprendendo a compreender a escuta e o silêncio

Um grande aprendizado deste processo de mestrado em educação tem sido a compreensão do silêncio e da sabedoria de escutar. O silêncio enquanto postura pessoal, muitas vezes como uma reação inconsciente frente ao novo, durante as aulas e no contato com professores e colegas da pós-graduação. O silêncio nas fogueiras e encontros com Guarani, sua língua e cultura. O silêncio de ainda não saber como dizer o que estava vivendo, de optar por não confrontar, de ficar “baratinada” com a quantidade de conceitos, leituras, indicações e citações de muitos colegas e professores. O silêncio de não compartilhar uma dúvida, de escutar, de chorar baixinho, de sentir bem forte a alegria de encontrar companheiros, de compartilhar o toque, de ver a semente vingar.

Durante os primeiros semestres de mestrado, nas disciplinas e encontros de orientação, meus silêncios não eram tranquilos, pois internamente sentia muitas dúvidas, muitas inquietações, muitas falas não ditas, medo. Saía das aulas com a sensação de que tinha ficado muita coisa por dizer, mas não autorizava-me falar. Quando então tomava coragem expressava minha posição sobre alguma leitura e assunto em discussão as sensações variavam de alegria por poder dizer minha palavra e uma autocensura por expressar um pensamento ainda não tão bem elaborado ou refletido internamente. Quando apresentava um seminário, uma leitura, então procurava referências, autores, experiências, pesquisas que me tocavam e instigavam a buscar uma nova compreensão da educação e das questões relativas à pesquisa e aí então sentia a força de poder expressar minhas concepções sobre educação e pesquisa. A dificuldade em definir um tema específico para meu trabalho também foi um dos motivos dos meus silêncios, sentia tantos colegas com clareza, linhas teóricas bem traçadas, problemas de pesquisa definidos enquanto eu

seguia em busca de clareza e assim sigo, em transformação, por perceber e respeitar minha caminhada de professora, bióloga, educadora ambiental, mulher, mãe, pesquisadora,

E assim meu silêncio foi se tornando mais sereno e menos amedrontador, por não existir mais tanto medo de expressar minhas dúvidas e alegrias, por poder esperar a hora de dizer, por compartilhar os sorrisos dos Guarani, a felicidade ao ler um texto/artigo que colaborava com minhas reflexões, a disciplina para fazer os fichamentos, a possibilidade de compreender um autor que inicialmente despertava resistência, a coragem e a liberdade de poder fazer escolhas e colocar-me respeitosamente frente à diversidade de pensamentos, sentimentos, culturas e ações.

A escuta aparece racionalmente em minhas reflexões a partir da leitura dos trabalhos de René Barbier (1993), em seu artigo sobre a Escuta sensível em Educação e de Nancy Mangabeira Unger (2001) em seu livro da Foz à Nascente.

Um dia quando já estava no limite de passar de uma crise de “não vou conseguir” para “vamos lá, vai dar tudo certo” escrevi e agora transcrevo um “desabafo” entre registros de diário de campo:

Já fazem 3 dias que iniciei este relato da visita e ele está demorando para ser concluído, não está fluindo. Sinto que muito desta dificuldade em escrever é por ter ficado muito tempo sem registrar minhas visitas e reflexões e assim agora há muito para dizer e não sei por onde começar. Como conectar tantos fatores que influenciam minhas observações e registros? Considero este parágrafo um desabafo, preciso registrar, comunicar que apesar de interessante, desafiador não está sendo

fácil conciliar todos os papéis: ser mãe, pesquisadora, mulher, educadora. É preciso muita disciplina e auto-organização para com serenidade lavar roupa, fazer comida e arrumar a casa, brincar, educar, fazer transcrições, registros, análises, responder e manter em dia a caixa de e-mails, colaborar com o projeto Conexões de Saberes e ainda organizar tudo para poder namorar e plantar nos finais de semana. Ufa! E ainda sinto necessidade de ir para Itapuã e passar mais tempo na aldeia, ampliar minha pesquisa de campo, trazer mais reflexões, fazer mais leituras,... é tanta coisa que as vezes me sinto paralisada. Tá, por onde começo? Aí bate aquela preguiça, vontade de deixar para depois, dormir, comer, ficar parada na frente da televisão. Então as coisas vão ficando mais tensas dentro de mim, a casa parece estar tão suja e desorganizada que não vou dar conta sozinha, as leituras ficam pipocando de um trecho de livro para outro, sem sistemática e registro, o silêncio nos encontros da Faced, até que respiro fundo e encaro o que precisa ser feito. Geralmente começo pela limpeza da casa, o que traz uma certa ordem, faz fluir pensamentos e sentimentos com mais serenidade e prazer, então já começo a cantar e mexer o corpo, programo os próximos passos, asso um pão e fica mais fácil para escrever e tocar a dissertação. Também é preciso dizer que muitas vezes no meio deste processo eu e Maria Terra brincamos, pintamos, reclamo da bagunça, peço para escovar os dentes e colocar um calçado, conto histórias para dormir, assisto desenhos animados e aproveito para dar um colo e uns beijinhos. Tenho uma intuição que tudo vai seguir assim e as necessidades transformadas em oportunidades. Já sei que esta dissertação não é o único trabalho da minha vida (nem o primeiro e nem o último), também já reconheço as minhas limitações. Dessa forma relaxo e deixo-me ser, já reconhecendo partes de toda a trama sócio-histórica

em que estou envolvida e também valorizando minha subjetividade, espero realizar um trabalho criativo e provocador. Agora vou tentar voltar para meu relato pois o pão já está no forno, já é quase hora de ir para a UFRGS de mochila e tudo para buscar a Maria Terra na escola e pegar um ônibus para Sanga Funda, onde está meu amor, terra e sementes de milho e amendoim para serem plantadas nessa lua minguante.

“A educação moderna, desenvolvendo o intelecto, fornece teorias e mais teorias, fatos e mais fatos, mas não nos faz compreender o processo total da existência humana. Somos altamente intelectuais; desenvolvemos mentes astuciosas, e vivemos num emaranhado de explicações. O intelecto se satisfaz com teorias e explicações, a inteligência não; e para a compreensão do processo total da existência, é necessária uma integração da mente e do coração, na ação. A inteligência não está separada do amor.” (Krishnamurti, 1973)

8.2 O processo de construção das relações de pesquisa

Penso neste momento ser necessário realizar também uma reflexão utilizando os recursos de minhas anotações e diários de campo do processo de construção da relação de pesquisa junto aos Guarani de Itapuã, especialmente com Seu Turíbo, cacique da aldeia, durante a fase de pesquisa de campo e Seu Adolfo, com quem as conversas sobre sementes e plantio foram mais bem recebidas, sendo desta forma o principal interlocutor desta pesquisa.

Apresento aqui os registros de meu diário de campo após a primeira visita a aldeia:

“Então estive junto com os Guarani que vivem em Itapuã, os primeiros que encontrei foram as crianças – Romário e Rogério – não falaram muito, sorriam e brincavam. Perguntei por Turíbio e fui encontrá-lo. Cheguei estavam em casa, ventava muito. De onde estão, a vista do Pontal das Desertas e da Lagoa Negra é linda. No local existem sete famílias e aproximadamente quinze crianças. Primeiro encontrei sua mulher, pedi para falar com ele, veio, trouxe um banco e sentamos a sombra de uma capororoca, nós dois em um banco, coisa que estranha pois em outras culturas não sentaríamos tão perto. Olhando para frente perguntou qual era o meu problema, senti como um pai de santo, alguém forte, sábio, aberto para escutar. Disse que não sabia se era um problema, mas que estava estudando na faculdade, já havia trabalhado em Itapuã, gostava muito de lá e gostaria de conhecer mais as necessidades deles, procurar uma forma de contribuir com as pessoas e aquela região. Escutava atento, quando falei que era professora comentou sobre a necessidade de uma escola no local, do grande número de reuniões e de que até agora nada havia sido feito. Comentei que havia participado de uma reunião no Parque, onde haviam comentado sobre a construção de um quiosque para venda de artesanato indígena, então falou que já haviam prometido isso a algum tempo e até agora nada.

Sua mulher chegou com um banquinho, dei lugar para ela, sentou ao lado de seu Turíbio, então ele foi para dentro da casa e voltou trazendo uma pasta com alguns textos, projetos sobre formação de professores Guarani, fotos aéreas da região, localizando as aldeias indígenas, material sobre desenvolvimento sustentável

da prefeitura de Viamão e uma reportagem do Jornal Zero Hora (17/10/2004). A reportagem com título : *Parques ambientais na mira dos índios, segundo Seu Turíbio apresentava falas suas que não foram ditas, estava bastante incomodado com a notícia. Outras falas foram relacionadas a necessidade de um local para pesca e mais mato. Perguntei se poderia voltar ele disse que sim, mas que conversaria com outro cacique sobre a possibilidade do trabalho.*

Ao voltar para o carro, meus companheiros desta ida (pai e mãe) estavam conversando com outros da comunidade indígena, os avós de Romário e Rogério, disseram terem vindo do Espírito Santo e o homem muito forte e lúcido disse ter 87 anos. Trouxeram chocalhos, e ali no meio da rua, por idéia de minha mãe fizemos uma roda, cantamos e dançamos uma música Guarani, no final falou de ñhanderu agradecendo e pedindo proteção." (Diário de Campo, 1º de Novembro de 2004)

Apresento aqui os registros de meu diário de campo que relata a primeira visita que fiz a casa de Seu Adolfo, após essa conversa inicial nossos encontros foram conversas que duravam duas a três horas com paradas para almoçar, andar pela roça, tomar café e comer frutas.

"Quando me preparava para ir a Itapuã pensei que seria importante conversar com Seu Adolfo sobre as sementes, uma vez que ele é uma das pessoas mais idosas da aldeia e ano passado quando comecei a visitá-los vi que sua roça era muito forte e bem cuidada. Então preparei um saco de erva mate para cada um e mais um saco de farinha de milho (do colorido) para Seu Adolfo, com quem precisaria ainda

conversar para saber se também gostaria de mostrar seu sistema de plantar e falar sobre as sementes indígenas.

Despedi-me de Seu Turíbio e disse que também levaria erva mate para Seu Adolfo. Resolvi ir por fora da aldeia pois sua casa parecia estar mais acessível por lá, intuição. Então sai e fui seguindo a estrada, cheguei em frente a um pequeno portão de madeiras finas e fortes. O portão estava fechado com um pequeno cadeado e ao redor, ao lado do portão um pouco de arame farpado e depois uma vegetação nativa espinhosa. Comecei a chamar do portão, mas ninguém aparecia, pensei que estavam dentro de casa e não escutavam ou não queriam atender. Cogitei ir embora e resolvi procurar algum acesso lateral pelo mato, encontrei uma pequena abertura e entrei. Continuei chamando e não havia resposta, segui caminhando em direção a casa.

Desde que cheguei no portão impressionou-me a quantidade de aipim ao redor da casa, uma grande área plantada, também algumas galinhas, um porco em um cercado de madeira, alguns troncos de eucalipto, bananeiras e uma pequena cobertura com fogão de chapa, além da casa como é comum entre os Guarani, de madeira toda fechada sem janelas ou divisões internas e com o fogo aceso no chão no centro da casa. Fui entrando e chamando, não havia sinal de ninguém, fui chegando, então ouvi as vozes das crianças. Atravessei a casa e todos estavam na roça, preparando a terra para plantar, Seu Adolfo com a enxada, os meninos Romário e Rogério (seus netos que moram junto com o casal e vieram do Espírito Santo) e sua esposa. Quando me viram vieram ao meu encontro e pararam de roçar, então sentamos em uma área coberta com lonas e folhas de palmeira onde há uma mesa e um banco tudo de madeira. Difícil lembrar as palavras e frases que conversamos pois sua esposa não fala português e o falar de Seu Adolfo é rápido,

misturando algumas palavras Guarani e em tom baixo. Nossa conversa começou com uma pergunta sua sobre o que me trouxe até lá, por que e o que queria. Falei que já havia estado algumas vezes na aldeia, mas sempre ia até a casa de Seu Turíbio e quando caminhávamos pela aldeia não havia ido até lá.

Então disse que gostaria de conhecer mais sobre a cultura dos Guarani e especialmente sobre a importância e o conhecimento sobre as sementes indígenas e a alimentação. Falei que tinha algumas sementes de milho colorido, possivelmente Guarani e que gostaria de poder plantar com eles e conversar mais. Seu Adolfo questionou o que isso iria trazer de retorno para os Guarani, visto que muitas pessoas iam lá com gravador, perguntavam sobre a vida e as histórias e depois nunca mais voltavam. Acrescentei que as vezes o retorno não é direto, mas que muitas vezes o trabalho amplia o conhecimento e o respeito por uma cultura diferente. As palavras que usamos em nossa conversa não foram literalmente as que aqui coloco, mas representam sua intenção e minha interpretação.

Durante o tempo que conversamos sua esposa estava presente, silenciosa e atenta, fazia considerações e questionamentos em Guarani que eram tranqüilamente colocados por Seu Adolfo. Mostrei a farinha feita do milho colorido, sorrisos, olhares atentos, curiosidade. Então mostraram suas sementes, plantadas e colhidas ali, engarrafadas e conservadas em garrafas plásticas (como é comum entre os agricultores que fazem sua semente hoje). As sementes estavam em duas garrafas e eram de um milho amarelo e outro branco, grãos pequenos e saudáveis, bem conservados.

Deixamos combinado que voltaria na lua minguante de setembro (a melhor para não "bixar" a semente segundo Seu Adolfo) quando então plantaríamos e

poderíamos registrar nossa conversa com filmagem, gravação de voz e fotografia conforme acertado nessa nossa conversa com tom de reconhecimento de intenções e negociação. Seu Adolfo disse que gostaria de falar em Guarani e depois traduzir para o português e que também as palavras Guarani fossem escritas (desafio!). No final pediu que se tivesse, ou conseguisse mesmo usados, sapatos para os meninos que estavam descalço e se pudesse trazer da próxima vez que viesse algo para fazermos o almoço, um quilo de arroz e carne de porco.

Sai da aldeia com um grande temporal iniciando, vento, nuvens escuras, princípio de chuva. Desci a lomba, correndo, feliz, com uma alegria que transbordava em sorriso, nosso encontro foi muito estimulante e senti que a intuição de procurar Seu Adolfo para colaborar na pesquisa foi muito importante. Percebi clareza, tranquilidade e alegria em nosso encontro.” (Diário de Campo, 17 de agosto de 2005)

Em meu diário de campo, 13 de Janeiro de 2005 registrei:

Sentei ao lado de seu Turíbio, estava em silêncio, logo Dona Laurinda deitou-se em outra sombra sobre um grande folha de Pindó e adormeceu. As mulheres jovens estavam muito à vontade, riam, conversavam em Guarani e davam de mamar para crianças. Fizeram perguntas para saber mais sobre mim, de onde eu vinha, o que fazia, quantos anos tinha, qual era o dia do meu aniversário. Logo vieram com uma sacola cheia de artesanato, colares, pulseiras e brincos para eu comprar; senti que era uma troca, que se eu estava ali, eu deveria comprar. Se tivesse mais dinheiro teria sido mais fácil, minha vontade era comprar mais, só que assim gastaria tudo que tinha naquele momento. Com relação a contribuições, este parece ser uma postura comum do grupo, com outras pessoas não-índias, como um pré-requisito: é

necessário contribuir, com roupas, alimentos ou dinheiro. Enquanto olhava os colares, senti que lágrimas brotavam em mim, como uma cumplicidade, por estar ali, por não ser índia, por não ter coragem de dizer que não poderia comprar naquele momento. Aprendi com elas a ser mais propositiva com as minhas necessidades, escolhi um colar de sementes e comprei.

9. APRENDIZADOS DO XERAMÓI ADOLFO VERÁ

Seu Adolfo é um dos Guarani mais velhos das aldeias do Rio Grande do Sul, por isso pode ser chamado de *Xeramói* (nosso avozinho). Nasceu na Reserva da Guarita em Tenente Portela/RS em 1917, seu pai havia vindo da Argentina e por lá moraram durante muitos anos. Casou-se com Dona Angelina e juntos andaram por todo o Brasil e grande parte da América do Sul. *Karai* (curandeiro e xamã Guarani) aprendeu a plantar com seu pai, estando sempre junto na roça. O que conversamos e o que vi, certamente, é só uma parte de sua grande história de vida e saberes com relação às plantas, à mata, à roça, aos remédios do mato, às sementes, às curas, às formas de troca.

A seguir apresento alguns trechos de nossas conversas que foram transcritos a partir das filmagens em vídeo e diários de campo, complementados com as leituras e releituras dos mesmos para definição de temas mais gerais ou categorias que emergiram dos encontros e desejos de saber e compartilhar tanto meus quanto de Seu Adolfo, que geralmente iniciava as conversas e depois dizia: “Agora a pergunta toco prá ti.” Dona Angelina também sempre estava presente, quase sempre em

silêncio, trazia chimarrão, fazia café, almoço e já em nossos últimos encontros colhia doces, saborosos e variados melões de sua roça para comermos no calor do verão.

Apresento então algumas citações de Seu Adolfo cujos sub-títulos buscam retratar minha compreensão sobre os mesmos:

SABEDORIA DOS MAIS VELHOS

Um dos assuntos muitas vezes apresentados por Seu Adolfo refere-se ao fato de que muitos dos saberes dos mais velhos não estão sendo reconhecidos e valorizados pelos mais jovens. Como é possível perceber em muitas de suas falas:

“Tudo com isso, prá poder compreender tudo, saber tudo, tudo geral, claramente, a linha certa, a conversa certa, contando a história certa. Qual pessoal que vai responder isso de novo? Qual pessoal que vai reconhecendo esse aí de novo, prá poder acreditar de novo? Ninguém acredita. Só pergunta, pergunta e pensa que...Hoje em dia não adianta pergunta prá algum rapaziada.”

DEUS, ESPIRITUALIDADE E CURA

“Mas o Deus tá sabendo, o Deus, primeiro Deus, nosso Pai, nosso Governo é o Deus, e o curador também, o Deus também, sendo, acreditando no Deus, não precisa remédio nada, se creê no Deus, otra hora tá tudo...doença...cura.”

A FARMÁCIA E A MATA

(...) “fizeram o remédio prá poder botar na farmácia, prá poder vender, prá tirar dinheiro. Não é nosso, nosso remédio se sumiu por ali, vendêro tudo prá lá e aqui no mato quase não tem mais. Tem que procurá tanta coisa, raiz, casca, folha, caminhando prô mato, prá pode cura a família. Prá deixa qualquer doença que vem, o remédio tem que fazê da conta certa também prá pode curar a pessoa.”

SABERES, DE ONDE VEM?

“Aí eu disse, eu não precisa livro, eu não precisa caderno, eu não precisa lápis. Como é que eu sei prá onde que eu tô puxando essa conversa, esse sentimento, essa sabedoria? Como é que eu vô fala, eu não precisa. Eu nunca foi na escola, e vocês a tempo que tava na escola. E depois tá escrevendo, tá sabendo de tudo, conta por conta, tá cheio de livro. E depois quando termina a letra que tá chamando? O que que dize?”

SABERES E LIVROS

“Não é prô livro, tá vendo que não tem livro, não tô lendo prô livro(...)”

“Isso é quando você tá anotando, o livro e tudo, o nome, e depois quando termina a fôia? E depois quando lê tudo aquela fôia? Pronto não sabe mais o que quê vai dizer. O que quê conta mais? Nada, vai ficar assim murcho, direto. Isso é o que posso dizer.”

RECIPROCIDADE NA PESQUISA

“Se é algum que queria bater a pergunta, tem que se chegar prá puder, como eu disse agora, tem que trazer resultado prá mim, tem que sentá, escrevê, até o governo, que sentá na frente do governo e que possa contá também.”

ORIGEM DAS SEMENTES

“Tudo coisa que ninguém sabe. Como foi que veio a semente? O Deus que í mandado.”

“ De onde que veio a semente? Qual que conseguiu a semente? É nossa vovó do primeiro, primeiro índio que plantou, nunca botou fora, sempre guarda a sementinha na colheita, é, nem que seja pouquinho, pouquinho e guarda. E depois que da época chegava prá plantá, aí todo mundo as vezes passeia ali e enxerga um milho branco do índio, enxerga: Mas que sementinha tá bonita, será que não consegue uma espiga. Feijão, nem que seja dois pé, três pé prá plantá, prá tirar semente. Assim que vai crescendo e toda parte já tem. E foi assim.”

AMAR, GUARDAR NO CORAÇÃO, PLANTAR

(...) “tem que querer bem o milho, no meio do coração mesmo, tem que se levar sempre, é, no meio do corpo mesmo, tem que se levar sempre, andando, rezando, nem que seja no trabalho, não é só assim andar no mais, então o Deus tá enxergando, tá sabendo.”

PREPARO DOS ALIMENTOS GUARANI

A conversa sobre o preparo dos alimentos Guarani foram feitas por Seu Lourenço, parente de Seu Turíbio, que atualmente mora em Itapuã, morava na Estiva, Viamão/RS com suas filhas, é separado de sua esposa e colabora na resolução de conflitos na aldeia e também recebe os visitantes. Foi a pessoa com quem mais conversei quando levei as sementes de milho e amendoim no mês de Setembro.

“ A gente planta esse milho aqui prá fazer quixê. Quixê é bom com amendoim.”

O que é quixê?

“Quixê é um tipo de farinha, mas tem que torrar primeiro o milho, depois o amendoim. Aí a gente põe no pilão, soca, faz uma moagem.

E como come?

“Come assim pura.”

E prá fazer mbojapé?

“Prá mbojapé tem que socar no pilão, pegar a peneira, peneirar, virar farinha, fazer a massa, botar de baixo da cinza que sai mbojapé. Com o milho verde a gente pode socar ele, empalhar e fazer...não me lembro o nome...”

Pamonha?

“É. Com o milho o índio faz muita coisa. Faz canjica, faz quixê, farinha prá fazer mbojapé.”

ALIMENTOS TRADICIONAIS GUARANI

"Primeiro mundo, o índio, já foi plantado, batata, aipim, feijão, melancia, melão, antes que veio o português. Minduim. Tudo é nosso."

O que é kaguijy?

"Bem diferente, meio gostoso, é doce, meio caldinho e depois assenta bem branquinho, e depois mais ou menos de dois dias, de três dias já ferventa do calor né. (...) Aí é nossa cachaça né, nossa pinga. Dentro de três dia já tem bem forte, pode tomar e ah."

ENSINAR NO CONVIVER

"E prá livrar a sobrevivência. Tudo isso, tô ensinando a gurizada também. Pensa que não gostava criança, gostâmo sim, mas tem que aprende junto. E depois quando tô velhinho não posso mais trabalha, já aprende eles prá trabalha. Tem gurizinha aqui, agora não sabe nada prá fazer, só comendo a coisinha por conta da vó (risada), mas assim mesmo depois enxerga como é que tá fazendo a vó, a vovó, e aprende e depois tá grande e depois já sabe como é que vai fazer."

TROCAS E AMIZADE

"Vai ter bastante melancia, milho verde, prá toda família se interte. Algum vizinho, como dize, branco, brasileiro, é português, que chega prá mim tudo amigo. Tudo vizinhal. Quando chega alguma coisa, eu recebo com muito boa vontade. Ninguém vai dizer, tal fulano, o Adolfo não dá prá chegar, visitar, ninguém vai dizer. Prá uma coisa que eu tenho, verdura, essa coisa, eu agrado. Qualquer um que chega, quando se lembra por mim, tal fulano lá nas aldeia, tem um pessoa bom,

bom coração, tudo com o coração aberto, dá prá chegar, dá prá visitar. Isso que eu tô pensando.”

BUSCA POR UMA TERRA SEM MALES

“Prá encontrar assim onde é que vai melhor prá viver, aonde que tem mais o que precisa, né.”

“Por isso eu quero tirar um pouquinho, um cantinho de mato, não sei bem aonde. Se eu quero entrar aqui não sei, se eu quero entrar no Morro do Côco, não sei. Lá em Palmares, não sei também. Quem é que vai dizer vamô lá, tem um lugarzinho. Qual que vai dizer?”

Em nosso último encontro Seu Adolfo, que sempre falava, para iniciar a conversa da necessidade de uma outra área para ir morar, neste dia disse que queria ir falar com Lula, presidente da República do Brasil (2003 a 2007). Então registrei em vídeo sua fala a partir da pergunta: E o que o Sr queria falar para o Lula?

Falou então da necessidade de uma terra, para poder criar sua família, ter alimento, poder seguir seu trabalho de pajé. Disse não estar pedindo de graça, mas sim queria a terra que é dele. Concluiu falando seu nome, idade e de onde estava falando.

10. DÁDIVA DAS SEMENTES

Visitei a aldeia de Itapuã, em 19 de setembro de 2005 época de início do plantio de milho. Minha visita tinha como objetivo coletar informações sobre a importância das sementes para os Guarani. Parti da entrega de sementes de milho

cunha (variedade de milho crioulo plantada por famílias de pequenos agricultores) e avati e de sementes de amendoim miúdo e graúdo plantadas, selecionadas e doadas por Rodrigo Wolff, agricultor ecológico de Terra de Areia, que também estava presente na visita. Essas sementes de milho avati foram trazidas para a região de Maquiné em 1999, haviam sido entregues por Guarani da Aldeia da Boa Esperança no Espírito Santo para algumas pessoas que na época organizavam o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA), que teve seu Encontro em Maquiné no mesmo ano. Neste encontro alguns agricultores ecológicos da região receberam as sementes e plantaram, no ciclo seguinte as sementes foram distribuídas para outros que também seguiram plantando. É preciso registrar que também há pessoas que recebem as sementes e não as plantam, cortando assim a rede de multiplicação, assim como também há aqueles que plantam, mas não conseguem colher, seja por não haver o cuidado necessário, seja por contingências ambientais como secas, ventos fortes e até comidas por animais.

Voltando para a visita à Itapuã...

Chegamos na aldeia pela manhã, havíamos nos preparado já faziam duas semanas, selecionando sementes de milho cunha e colorido, amendoim graúdo e miúdo, fumo de rolo, palha de milho, farinha de milho, carne de porco e arroz para fazer um almoço. Tive o cuidado de levar alimentos e sementes que fazem parte da cultura Guarani e já haviam sido anunciados em encontros anteriores. Tendo o objetivo de realizar uma troca de sementes e saberes entre Guarani, agroecologista e pesquisadora. As filmagens foram inicialmente difíceis por parecerem constrangedoras e despertarem um clima mais formal e menos espontâneo, mas com o tempo fomos perdendo a resistência e na realização do registro das falas e

transcrições o vídeo ajudou muito, além de registrar com imagens e sons outros movimentos, falas e contexto que não são observados no momento das entrevistas.

Quando chegamos a aldeia logo encontramos um criança brincando próximo ao portão, estava com dúvidas sobre onde iniciar o trabalho, com Seu Adolfo ou com Seu Turíbio pois o cacique poderia sentir-se ofendido se não iniciasse o trabalho com ele, esperei para perceber como se encaminhariam os primeiros encontros, mas mesmo assim resolvi inicialmente encontrar com o cacique. O portão estava fechado, estranhei, pois todas as vezes que estive na aldeia o portão estava aberto. Bati palmas e chamei, mas não havia presença de ninguém, uma criança pequena apareceu e chamou em Guarani numa casa pequena e recente que há na entrada da aldeia. A casa é da irmã de Dona Laurinda, esposa de Seu Turíbio. Como demorou para aparecer alguém, resolvi ir até a casa de Seu Adolfo deixar lá a carne de porco e o arroz e dizer que estávamos ali e mais tarde chegaríamos para conversar. Dona Angelina, sua esposa, estava com um dos netos, abriu o portão e fomos entrando até mais próximo de sua casa. Perguntei por Seu Adolfo, disse que havia ido para Viamão, mas voltaria no início da tarde. Então deixei com ela a carne e fomos para encontrar Seu Turíbio. Uma as crianças nos acompanhou até o portão interno que divide a casa de Seu Adolfo do restante da aldeia. Então encontramos Lourenço e o esposo da irmã de Dona Laurinda. Avisaram que Seu Turíbio não estava e que Dona Laurinda estava hospitalizada e havia feito uma cirurgia no dia anterior.

Logo trouxeram bancos para sentarmos, estávamos com mochilas grandes pois a idéia era dormir na aldeia. Não foi nada simples chegar até a Aldeia, como não temos carro saímos no dia anterior de Terra de Areia, caminhamos até a BR-101 e

ficamos em baixo de muita chuva, frio e vento aguardando o ônibus para Porto Alegre. O frio foi compensado pelo calor da acolhida e pela presença do sol chegando e iluminando nosso encontro.

Enquanto sentávamos para conversar fui levar a carne de porco para a irmã de Dona Laurinda, Vitalina, que iria preparar o almoço.

Vitalina e seu esposo moram em uma casa pequena feita com lona, madeira e folhas de gerivá, o fogo está logo na entrada da peça única que forma a casa, há ainda uma cama de madeira onde ficam as roupas e cobertas. Chamou-me atenção dois pintinhos criados dentro de casa presos um cesto de bambu trançado, virado e formando um cercadinho e o saco de sementes de milho cateto (variedade de milho branco Guarani) dependurado em uma madeira próximo ao teto da casa. Vitalina não compreende muito bem o português, mesmo assim conseguimos conversar. Disse estar sentindo muita dor pois os médicos haviam diagnosticado que estava com pedra na vesícula, conforme mostrou-me em seus exames. Entre os Guarani que tenho conversado, mostram papéis para confirmar informações, pedir esclarecimentos e comprovar acontecimentos tem sido comum. Vitalina com todos os seus exames, Seu Adolfo com extratos bancários querendo saber o dia que receberia, Seu Turíbio com reportagens e fotos de satélite.

Ainda sobre o encontro com Vitalina, senti-me muito próxima pela sua dor, por também já ter sentido uma dor e, ao mesmo tempo, muito impotente por não saber o que fazer. Procurei acalmá-la e ficamos durante um tempo de cócoras uma de frente para a outra, ao lado do fogo segurando nossas mãos, olhado nos olhos e

conversando com calma. Nos despedimos, sai de sua casa e fui ao encontro dos homens que conversavam nos bancos em frente a casa de Seu Turíbio.

Quando cheguei a conversa parou e sorriram, então Seu Lourenço perguntou o que eu queria saber e se ele poderia ajudar pois não sabia se Seu Turíbio voltaria. Disse que gostaria de saber sobre as sementes Guarani, e que havíamos trazido algumas sementes para dar a aldeia. Eram sementes plantadas sem uso de agrotóxicos de milho cunha e avati (milho Guarani) e também amendoim graúdo e miúdo. Mostramos as sementes, Seu Lourenço separou as vermelhas e azuis e disse que aquelas eram de avati, mas que as outras já estavam castiçadas (misturadas com outras variedades de milho), provavelmente por terem sido plantadas já há sete anos em regiões próximas a outros agricultores e onde se plantam outras variedades. Gostou, agradeceu as sementes, disse que seriam divididas por Seu Turíbio para todos da aldeia. Perguntei se sabia se as sementes colorida eram plantadas de forma diferente de como os jurua plantam. Seu Lourenço disse que não, não sabia nenhuma outra forma de plantio. Desenhei no chão como havia aprendido em Maquiné uma forma de plantio que diziam ser a forma tradicional dos Guarani plantarem, circular, a partir do nascente, e com as cores divididas de acordo com as 4 direções a partir do sol nascente. Estava a muito tempo querendo fazer essa pergunta, tinha interesse em saber como os Guarani plantavam hoje seu milho, como tinham aprendido. A resposta "Não, nunca vi plantar assim." Causou-me espanto, como assim? Então o plantio em Maety (nome dado ao plantio circular dos milhos rezados) não é Guarani? Mas não foi ensinado por índios Guarani do Espírito Santo? Fiquei tão espantada que não fiz esta pergunta para Seu Adolfo pensando que então seria necessário resgatar a história das sementes que estavam em

Maquiné e foram levadas para Itapuã. Saber quem recebeu as sementes dos Guarani, como foram os ensinamentos, por que foram dadas, quais as recomendações.

10.1 A caminhada até Piraquara/PR

Com a definição da pesquisa sobre as sementes de milho algo que muito me instigava era a história de que os Guarani haviam dado suas sementes de *avati ete* aos *jurua* participantes do Encontro Nacional de Comunidades Alternativas (ENCA), tinha interesse em saber o porque desta doação das sementes. Se as sementes são sagradas e seus saberes tão bem guardados pelo povo Guarani, de que forma foram passados esses ensinamentos? Então consegui o e-mail de Luiz, pessoa que trouxe as sementes de *avati* para o ENCA em Maquiné/RS em julho de 1999. Escrevi para ele que logo me respondeu dizendo que por correio eletrônico não seria possível contar toda a história destas sementes, que precisaríamos nos conhecer pessoalmente e convidou-me para participar do *nimongarai* da aldeia de Piraquara no dia 28 de janeiro de 2006. Nesta fase, apesar de já estar trabalhando no processo de escrita da dissertação, senti que seria importante encontrá-lo para resgatar esta parte da história das primeiras sementes de milho colorido que tive contato e que teve grande influência na realização desta pesquisa. Apesar da distância de Porto Alegre (14 horas de viagem de ônibus) e do fato de precisar realizar uma viagem rápida, nosso encontro foi muito importante, trazendo um novo olhar sobre a importância da preservação das sementes e do vínculo que se estabelece a partir da cultura de cada povo. Rodrigo foi meu companheiro nesta viagem. Quando

chegamos em Curitiba pegamos o ônibus até Piraquara, região da grande Curitiba. Chegando em Piraquara ficamos sabendo que a aldeia estava a cerca de 25 Km do centro e que o próximo ônibus que pegaríamos nos deixaria ainda a 15 km da aldeia, ou seja, não chegaríamos lá naquele dia. Pensei que poderíamos pedir ajuda na prefeitura, era sexta-feira, início da tarde de 27 de janeiro de 2006. Na prefeitura inicialmente nos indicaram procurar a Secretaria do Meio Ambiente, disseram não ter carro e sugeriram que fossemos a Assistência Social. A assistente social, muito disponível, após tentar veículo com o carro da Funasa, que estava na oficina. Disse que nos levaria no final da tarde pois aquele dia era véspera do aniversário da cidade de Piraquara e estavam todos envolvidos com os preparativos da festa e inaugurações. Ficamos cerca de 3 horas na prefeitura acompanhando os movimentos intensos de moradores que iam buscar ajuda junto ao setor de assistência social, cadastro para bolsa escola, bolsa família, retirada de cadeiras para a festa, caixas de fogos de artifício, chegada de materiais e aparelhagem de som. Quando a prefeitura já estava para ser fechada, e ainda não havíamos tido o retorno da assistente social, Luiz nos liga e avisa que iria buscar-nos.

Luiz chegou e com sua rural azul nos levou até seu sítio em Roça Nova, Piraquara, já mais próximo a aldeia *Karugua*. Luiz trabalha realizando feiras com vendas de sucos naturais e lanches vegetarianos e administra um sítio, onde planta milhos *avati*, cria animais e tem uma grande área de preservação de araucárias. Seus planos são de constituir no local um centro de vivências e aprendizados em permacultura biorregional. A permacultura é uma ciência prática criada pelos Bill Molison e David Holmgrem que visa “o planejamento e a manutenção conscientes de ecossistemas agriculturalmente produtivos, que tenham a diversidade, estabilidade e

resistência dos ecossistemas naturais. Visa a integração das pessoas e da paisagem, provendo alimento, energia, abrigo e outras necessidades, materiais ou não, de forma sustentável” (Mollison, 1994). Luiz questiona a simples utilização das fórmulas propostas por Mollison e acredita ser necessário um amplo conhecimento da bioregião, ou seja, do ecossistema local, seus ventos, seu clima, tipo de solo, fauna, flora, culturas para que se possa desenvolver uma permacultura local.

Em sua chackra, como vi escrito lá e a grafia lembra os centros energéticos do corpo, a área habitada por sua família mais dois auxiliares: Maria, responsável pelos cuidados da casa, alimentação, sementes e pequenos animais, além de também trabalhar na preparação da estrutura e venda dos sucos naturais em uma banca na feira de artesanato aos domingos em Curitiba. Seu irmão Isac, que mora em uma casa com sua esposa e duas filhas pequenas em uma casa na propriedade, responsável pelos trabalhos mais pesados, cuidados com os animais maiores e enquanto estávamos lá também refazia as cercas e moirões.

Nossa conversa começou quando apresentei fotos da aldeia de Itapuã e as sementes de milho plantadas por Rodrigo. Até este nosso encontro não tinha clareza de se as sementes coloridas que levamos para Itapuã eram realmente originadas dos Guarani ou não, pois toda vez que um Guarani olhou as sementes dizia que elas estavam misturadas, não eram mais Guarani. Luiz trouxe sua história sobre as sementes:

“Esse milho aqui, ele tem, ele tem... Essa aqui é a história que a gente vai chegar lá. Tem um assunto aí, que é o assunto da entrega deles, como os milhos chegaram nas mãos dos jurua, nossa mão. E esse aqui tem mistura. Só que tem

uma coisa, nós, quer dizer, nossa tribo, de guerreiros do arco-íris, nós não somos Guarani, nós não somos kaingang, nós não somos maias, nós somos uma nova tribo, nós vamos ter o nosso milho, assim como os Guarani tem os deles, mas é um milho que tem história, ele tem genoma, ele tem seqüência espiritual. Se não você não tem milho, se não tem espírito você não tem milho. Milho e espírito estão juntos, essa é a função. Tem diferença você plantar sem espírito e você plantar com reza. Essa é uma das grandes diferenças entre o maety e o plantio de milho orgânico. Então por que o milho vai ser melhor, ou tem essa necessidade de ter uma reza, essa é uma das grandes questões dos milhos em todos os povos da América. Todos os povos da América, cada um tinha o seu milho. O milho tem uma adaptação biorregional, que não é só do clima, da altitude, do solo, mas é da reza, é da história que ele traz dentro do biochip dele. Ele traz história, isso é, então nós estamos criando a nossa história. Cada nova tribo de guerreiros do arco-íris vai ter o seu milho. Que é um milho a mais na biodiversidade de milhos da América. O avati, o ete, ele é deles, não é nosso. É nosso porque já tem genoma, já está aqui, o que nós precisávamos daquilo já está aqui, o resto é nosso. Então bom ter pessoas que vão estar...nós ficamos muito tempo plantando maety de avati ete, muitos anos, distribuimos para muitas aldeias, para muitos pajés. E depois sentimos que já tínhamos cumprido essa função, e aí começamos a ver que já estava vindo um outro milho, que era o milho que a gente tinha que manter e, sempre que possível, favorecer a manutenção dos outros milhos de raiz também. Que cada nação mantenha a sua história."

10.2 A aldeia *Karugua*, Piraquara/PR

A região onde está a aldeia faz parte da área de proteção ambiental (APA) de Piraquara local onde encontra-se uma grande barragem de mananciais que abastecem a cidade de Curitiba. Na região da barragem não é permitido tomar banho e pescar, nem utilizar as águas para navegação, evitando assim qualquer risco de contaminação. A aldeia tem 40 hectares onde vivem cerca de 70 pessoas, na aldeia tem *opy*, escola indígena com uma professora *jurua* para crianças e um professor também *jurua* para os adultos. Também há posto de saúde, banheiros coletivos com vaso e chuveiro, todos muito limpos e bem cuidados, tanque e torneiras no chão para as crianças se lavarem. Muito próximos as águas da barragem, apesar de não ser oficialmente permitido é possível tomar banho, sem que isso certamente comprometa a qualidade das águas. As roças são bastante pequenas e não estão presentes em todas as casas, as restrições de se morar em uma área de preservação indicam que onde há áreas sem mata é permitido o uso da terra para plantações e construção de casas, mas onde já existe uma mata, tanto primária quanto em regeneração esta não pode ser alterada. Muitos estudos estão sendo realizados e outros mais devem surgir para avaliar as formas de manejo das unidades de conservação onde há terras e aldeias indígenas. Também as experiências já existentes devem ser acompanhadas e planejadas de modo que se garanta a manutenção da biodiversidade e das culturas relacionadas a elas em cada biorregião.

Estivemos na aldeia para participar do *nimongarai*, não vou realizar aqui um relato etnográfico do ritual pois não tenho o entendimento suficiente da cultura para

apresentá-lo aqui. Penso ser importante registrar que haviam muitos *jurua* e a aldeia *Karugua* parece ser um local de acolhida e apresentação da cultura guarani, mostravam-se muito pacientes com os *jurua* participavam ativamente cantando e dançando. Há relatos de que em algumas aldeias não é permitida a entrada de *jurua* na *opy*. Nesta atividade todos puderam participar e inclusive ter seu nome revelado pelo *Karai* (pajé).

Ainda neste momento escrevendo os momentos que vivi na aldeia são muito intensos, tão fortes que por um grande respeito achei que receber meu nome Guarani naquele dia seria precipitado para quem recentemente conhecia sua cultura. Seu Adolfo disse que foi *Nhanderu* que me indicou isso.

Como para a aldeia de Itapuã também levamos nossas sementes de milho, farinha de milho e também um CD da aldeia da Lomba do Pinheiro, entreguei-os para a filha da *Kunha Karai* (como são chamadas as mulheres que são líderes espirituais e curadoras) que recebeu e agradeceu, ficando contente ao encontrar no CD músicas que também cantavam por lá. Pensava neste dia em também conversar com ela sobre a importância das sementes para os Guarani, mas estava muito cansada por ter passado à noite no trabalho da *Opy* e limitou-se a dizer que o que já havia sido dito em Itapuã era todo o mesmo pensamento do Guarani.

Fica registrado em mim a possibilidade de ter participado de um momento tão importante da cultura Guarani, a força de ver crianças, mulheres e homens, cantando e dançando em roda, inteiros ali, apoiando-se de mãos dadas, com um profundo respeito pelos *jurua* (não indígenas) que também queriam cantar, dançar, vivenciar a força de ser Guarani.

Fica em mim a imagem de ver duas meninas adolescentes abraçadas, lado a lado, sorrindo, cantando e dançando revezando o colo para os bebês.

Fica em mim a presença de uma pequena menina que segurou na minha mão para ensinar como dançar e ao longo do outro dia, novamente ao me ver, sorriu, segurou minha mão e levou-me para conhecer sua casa, mostrando os longos e coloridos vestidos de mulheres que dançam e cantam à noite para se alegrar, como fazem os Deuses.

Fica em mim a força de um povo alegre, seu sorriso e seu silêncio, o calor do fogo e dos corpos dançando de mãos dadas, as velas de cera de abelha em um altar circular feito de cipó. As velas coladas com o calor do fogo no cipó e constantemente cuidadas, erguidas para que queimassem até o fim.

Fica em mim a imagem de uma jovem mulher *jurua* casada com um Guarani, lá vivendo com seu filho e juntos preparando-se para continuar a caminhada. Também a lembrança de uma criança Guarani albina brincando e sorrindo com as outras, fazendo panelinhas de barro, lavando seus corpos e seus pés com alegria ao amanhecer.

Senti minha visita a aldeia *Karugua* como um pedido de licença para realizar esse estudo. Agradeço pela acolhida e abertura respeitosa. Grande lição de vida.

Os Guarani mantém com a terra uma relação de vida e de cuidado, incompreensível aos parâmetros da cosmologia ocidental moderna, em que a relação com a terra se assenta na propriedade, na exterioridade e no pragmatismo. (Bergamaschi, 2005, p.114)

11. SOBRE A CRISE AMBIENTAL QUE VIVEMOS:

DESERTOS E OÁSIS

Mudanças catastróficas na natureza ocorreram nas diversas fases da evolução geológica e ecológica do planeta. A crise ecológica atual pela primeira vez não é uma mudança natural; é uma transformação da natureza induzida pelas concepções metafísica, filosófica, ética, científica e tecnológica do mundo. (Leff, 2003, p.19)

Vivemos na atualidade a agudização de uma crise global, considerá-la somente como ambiental é reduzi-la nas suas causas e caminhos de investigação. Conforme nos alerta Leff (2004), esta crise foi sendo construída ao longo do caminho e das escolhas, conscientes ou não, que fizemos enquanto humanidade. A chamada questão ambiental até pode, e deve, ser pensada por especialistas ambientais, entretanto sem perder a dimensão e responsabilidade social, política, econômica, histórica, para que possamos aprofundar suas causas e repensar nossos sistemas atuais.

No campo das ciências ambientais os pensadores da complexidade apresentam críticas ao sistema científico moderno e seu modelo de tomada de decisões, que atualmente não são capazes de dar respostas aos problemas individuais, sociais e ambientais. Questionando e considerando parte de nosso atual sistema, a ciência tradicional e a tecnologia, são desafiadas a incorporar um processo social integrador, de forma que o conhecimento científico considere seu compromisso real na busca por oportunidades de resolução autêntica destes problemas.

O lugar do ser humano no universo é o de buscar a sintonia e essa deve ser uma atitude de buscar o conhecimento como sabedoria, conhecimento como co-nascimento, permitir um diálogo, tocar e ser tocado pela vida.

Unger (2001) apresenta o conceito de obediência a partir de sua raiz escutar, como um modo de se colocar frente ao real, uma capacidade de se colocar a escuta, um apelo da vida, um modo de expressão onde o homem coloca-se como tradutor.

Se o ser humano está esquecido de sua essência, há dentro de si a capacidade de rememorar.

Hoje vivemos em uma sociedade que diz que a dor deve ser eliminada através dos fármacos, da tecnologia, sociedade sem eu, sem limites, sem dor, a uniformização dos estilos de vida, o esgotamento da terra. O real é só o que pode ser mensurado e o ser humano tem seu valor pelo que pode produzir. Sendo um dos grandes riscos do mundo contemporâneo a insensibilidade do homem frente a própria penúria.

O sentido da terra é o reconhecer-se finito, cada ser um gesto, um ciclo, o real experimentado. Somo seres que nos fazemos no caminho.

Atitude diante da perplexidade: substituir velhos paradigmas, estar atento para a vida, abrir-se para o inesperado, colocar-se algumas indagações, colocar-se em uma atitude de abrir-se para a perplexidade com indagação, compreender a dor, perceber que não temos respostas, aprofundar nossa reflexão, abrir-se para o que a vida tem de mais misterioso.

Abrir-se cooperativamente, superando modos de relacionamento dominadores. Estamos sendo chamados a renunciar a posse, renunciar ao controle do outro, superar o autismo do homem colecionador.

A reflexão mais aberta para a pergunta são os desafios que vão na contracorrente. Reconhecer onde e de que forma podemos recuperar o tecido social, criar espaços de criatividade que proporcionem a experimentação de outros modos de ser e de viver. Encontrar o oásis em meio ao deserto. Atitudes renovadoras do tecido social: respeito, atenção, cuidado, ver que a ação humana tem níveis mais elevados que a técnica.

12. CUIDAR E TROCAR: POTENCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS DAS SEMENTES E DO PLANTIO

Canção Óbvia

Paulo Freire

Escolhi a sombra desta árvore para
Repousar do muito que farei,
Enquanto esperarei por ti.
Quem espera na pura espera
Vive um tempo de espera vã.
Por isso enquanto te espero
Trabalharei os campos e
Conversarei com os homens
Suarei meu corpo, que o sol queimará;
Minhas mãos ficarão calejadas;
Meus pés aprenderão o mistério dos caminhos;
Meus ouvidos ouvirão mais;
(...)
Estarei esperando a tua chegada
Como o jardineiro prepara o jardim
Para a rosa que se abrirá na primavera.

A poesia escrita por Freire (2000) abre seu último livro, *Pedagogia da Indignação* e de uma forma muito consciente nos traz a sabedoria de esperar, mas uma espera ativa, lição da natureza.

Tenho encontrado muitos pensadores que apontam para a necessidade de se buscar compreender o interior de nós mesmos, e experimentarmos-nos como seres sociais, pois as verdadeiras revoluções acontecem ao nível de valores, crenças, percepções interiores e visões de mundo. E essa revolução que se dá de dentro para fora, visa tornarmos-nos seres criativos e criadores compreendendo nosso papel coletivo nessa intrincada teia da vida. É certo que o momento é de crise, de muitas carências, de muita injustiça, da necessidade de superação de muitos traumas, da cultura do medo, ainda assim precisamos acreditar que pode ser diferente, que é possível mudar, que a mudança já está acontecendo, que temos a capacidade de aprendizados intersubjetivos e potencializadores dos sonhos.

Acredito que uma nova relação com o tempo deve se estabelecer, mais tranquilidade para observar a beleza e a complexa simplicidade da vida que pulsa e relaciona-se com tudo criando ambientes, ecossistemas, trocas. Não precisamos de líderes que nos escravizam, precisamos procurar sermos líderes de nós mesmos e assumir nossas atitudes com responsabilidade e amor. Precisamos recuperar nosso potencial de co-criar e assim construir nossos sonhos no presente, encarando as contradições e os conflitos como lições, assumi-los e explicitá-los, com cooperação e desejo de superação.

José Cirilo, cacique geral Guarani do Rio Grande do Sul, como é reconhecido por muitas aldeias tem representado o povo Guarani em muitos encontros. Participou da abertura do Fórum Internacional dos Povos Indígenas, promovido pela PUC-RS de 11 a 14 de Agosto de 2005. Em sua fala, pude anotar frases muito significativas que expressam na atualidade como o povo Guarani tem se posicionado e apresentado sua cultura e suas necessidades. Apresento o que anotei de suas palavras:

“A cultura se envolve com a nossa terra. Sem terra não tem cultura. A sustentabilidade Guarani é ter *Opy*, grupo de dança e comida típica. Sustentabilidade é manter nossa cultura. Temos que ficar em paz, sentar, dialogar. Essas palavras vai ficar, pois nossos antepassados já falavam. Hoje a arma do branco é o papel e nós temos que lutar também com o papel. Nossa vida é a terra.”

As sementes são instrumentos educativos por que:

- nos ensinam sobre a cultura onde foram desenvolvidas, trazem a sua história e o grande poder de relação entre os seres humanos e demais seres com os quais convivemos e necessitamos;
- nos apresentam o trabalho e a dedicação necessárias para delas colhermos frutos e novas sementes;
- nos fornecem o aprendizado que está presente nos ciclos: cuidar, esperar, receber e poder compartilhar, refazer com os aprendizados;
- proporcionam a valorização do trabalho manual e da técnica;

- despertam os sentidos da alegria, da fé e da força;
- proporcionaram ricas mitologias, manifestações do sagrado e da arte;
- podem tornar-se objetos de desejo, de poder e fugir ao nosso controle (lei de patentes, propriedade intelectual e transgênia);
- resgatam a noção de responsabilidade pela manutenção da vida;
- geram autonomia;
- estimulam a vitalidade e a saúde;
- ensinam sobre a diversidade.

12.1 Diálogo na compreensão das questões sócioambientais:

Caminhos Educativos

"Recriar uma sociedade é um esforço político, ético e artístico, é um ato de conhecimento." Paulo Freire (1985)

Debruço-me sobre o diálogo, suas possibilidades e limitações na compreensão das situações de conflito e na construção de caminhos que respeitem a diversidade cultural, a preservação e a regeneração ambiental na identificação e compreensão das redes de significações que emergem nas relações comunidade e ambiente, em

especial com as comunidades que tem relações diretas com áreas naturais definidas como unidades de conservação.

Como educadora percebi, muitas vezes minha intencionalidade frente as pessoas, grupos e situações, inconscientemente projetando o que seria interessante trabalhar, sem antes ouvir, buscar um olhar mais observador, permitir que o próprio indivíduo perceba-se com espaço para expressar-se, compreender-se com o outro e a partir daí buscar a construção de caminhos educativos. Percebo o diálogo, a construção de espaços, palcos dialógicos (Dan Baron, 2004) e campos interativos (Rossetti-Ferreira, 2003) como uma oportunidade de explicitar as relações que as pessoas e comunidades vivenciam na sua cultura ambiental, numa relação dialética de preservação, colonização de padrões e possibilidades de recriação.

Atualmente, quando tocamos no tema das questões sócioambientais, muitas vezes a palavra conflito está presente. Por quê? Que caminhos temos buscado para compreender esses conflitos? Quais os interesses envolvidos? Qual a legitimidade das demandas? Como permitir o diálogo em momentos de crise? O que a democracia, enquanto instância política de expressão das diferenças, nos permite e como encaminhamos alternativas? Essas e muitas questões surgem ao pensar na relação do diálogo enquanto espaço de construção social e na necessidade de experimentá-lo enquanto postura de pesquisa educativa.

Entre os pensadores da área da educação, Paulo Freire é certamente um dos grandes problematizadores da questão do diálogo como experiência existencial. A compreensão de que a imposição de um pensamento hegemônico, uniformizador,

homogeneizado não contempla as necessidades de mudança em nosso tempo fazem a reflexão e a construção de espaços de diálogo uma necessidade urgente.

“ A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir da discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (Paulo Freire, 1985)

Diálogos interdisciplinares, diálogos interculturais, diálogos intesubjetivos, diálogos interinstitucionais. Estes parecem alguns dos atuais desafios no campo da pesquisa educativa sócioambiental: ouvir, permitir a voz de todos os envolvidos nos processos e conflitos, explicitar desejos comuns disputados, identificando possibilidades e limitações, observar as práticas culturais, as necessidades, as contradições.

“(...) o desafio metodológico principal é descobrir uma intervenção estratégica que seja pedagogicamente consistente e coerente. A intervenção precisa continuar a buscar pelo autor em toda a sua voz pelo máximo de tempo possível, e não contradizer o compromisso dialógico com a realidade subjetiva do participante, a qual só pode ser transformada através de um processo de autodeterminação ativo. Essa tensão (tão visceral no processo de tomada de decisão entre aqueles que não estão acostumados com o poder) é extremamente importante, não só para o desenvolvimento da autodisciplina, como também para o desenvolvimento da voz dialógica de cada autor.” (Baron, 2003, p. 206-207)

12.2 Compartilhando sabores e saberes:

Buscando a diversidade cultural e ambiental

Compartilhar o alimento, compartilhar a vida.

Apreendi com os Guarani e com a colheita de milho o valor do alimento e a alegria de colher, ver suas cores a cada nova espiga.

Para produzir alimento é preciso terra, cultura, trabalho, coragem.

Atualmente, muitas aldeias seja por não possuírem áreas disponíveis para agricultura ou ainda por outros fatores externos que levam a compra ou doação de alimentos apresentam um maior consumo de alimentos oferecidos pelos supermercados, como pão e farinha de trigo branca, arroz branco, bolachas, café, refrigerante, doces e outros alimentos industrializados. Sem dúvida o consumo da maioria destes alimentos, não só para os Guarani, mas para qualquer ser humano é de muito pouco valor nutricional e nenhuma relação com o sentido espiritual do alimento que os mais antigos ainda valorizam. Em um de nossos almoços na aldeia de Itapuã, lembro de ao servirem polenta, feijão e carne de porco, desculparem-se por não ter arroz branco para oferecer. Ainda assim observei na aldeia o grande valor e gosto por alimentarem-se de frutas, sejam das cultivadas na própria aldeia, especialmente melão e melancia, seja naquelas adquiridas pelo caminhão das frutas, que passa duas vezes na semana em frente a aldeia, onde vi comprarem banana, laranja, manga e uva.

Penso no potencial educativo de plantar, colher e compartilhar o alimento como um exercício de compreender o outro que planta para viver e também nossa

força enquanto recriadores da vida e da arte, como uma nova alfabetização pela terra, uma alfabetização cultural:

Alfabetização cultural: uma pedagogia que se propõe a descolonização da memória e do imaginário do ser humano através de diálogo cultural com outros, por meio de processos de sensibilização, autoleitura, autoconscientização e transformação coletiva. Utilizando teatro, dança, música, escultura e poesia – linguagens de expressão, reflexão e performance – essa pedagogia busca uma leitura alerta do mundo através de uma autoleitura íntima e questionadora de nossa subjetividade, para revelar as histórias de subjugação, auto-sacrifício e exclusão, inscritas em nossos gestos e reflexos cotidianos, transformando suas seqüelas em recursos de autodeterminação pessoal e coletiva. Não se propõe somente como uma opção pedagógica ou uma nova disciplina curricular, mas como um modo de vida que descoloniza a inconsciência política e a memória corporal para intervir na reprodução do passado; uma pedagogia que cultiva a sensibilidade intercultural e a consciência performativa necessárias à formação de novas comunidades solidárias e cooperativas, e novas políticas democráticas de libertação. (Baron, 2004. Pag 419)

13. A COLHEITA DA PESQUISA

De que forma se dá nossa prática educativa?

O que as pessoas querem aprender? E o que tem a ensinar?

O que queremos ensinar, trocar, despertar? E o que estamos ensinando?

Com que dialogamos? E o que criticamos?

Qual nosso projeto de sociedade? De que forma agimos e refletimos para construir nossos sonhos?

Em que grupos estamos atuando? E como nos articulamos?

Quais nossos referenciais teóricos e práticos?

Como está nossa alimentação, pensamentos, corpo, relacionamentos?

Como nos sentimos ao acordar?

O que sonhamos quando dormimos?

Hoje não é possível pensar em resgatar culturas sem considerar as dimensões ambientais, sociais e interiores. O ser humano e nossa atual civilização enfrentam grandes desafios e a busca por suas causas e alternativas de transformação devem abarcar os diversos níveis que se integram no individual, social e ambiental.

Aprender a aprender a complexidade ambiental entranha uma reapropriação do mundo desde o ser e no ser; um reaprender mais profundo e radical que a aprendizagem das “ciências ambientais” que buscam internalizar a complexidade ambiental dentro de uma racionalidade em crise. Neste sentido, o saber ambiental retoma a questão do ser no tempo e o conhecer na história; do poder no saber e a vontade de poder, que é um querer saber. (Leff, 2004)

Das conversas, visitas, perguntas e descobertas registro e componho uma rede dos saberes e aprendizados, os saberes ambientais no contexto dos grupos pesquisados e suas tramas sociais, ambientais, culturais, espirituais e um pouco mais de misturas que ainda não deram seus frutos. A partir deste contexto procuro ver mais fundo, mais laços, mais redes, mais teias, formas criativas de viver como uma

semente que consegue germinar e enfrentar os desafios que surgem no percurso da vida.

Mais sonhos, mais alegria, mais força, serenidade, beleza e delicadeza, transformação, força.

A riqueza das sementes está associada a sua história, a sua memória, aos seus segredos que devem ser respeitados, trocados e recriados. Os Guarani e suas sementes, a possibilidade de viver e reencantar a terra. Encontrar nossas raízes.

É preciso propor experiências educativas onde o pensamento também seja uma forma de ação e a ação também seja uma forma de reflexão e pesquisa. A terra pode ser um local de enraizamento humano e de criatividade.

Buscar uma outra lógica que não é a do resultado, encontrar-se com os pensadores com capacidade de renovar a vida e o mundo, permitir escuta e abertura para integrar as diferentes visões de mundo.

Em tempos de deserto, saber encontrar a fonte, saber se alimentar da fonte. Buscar a ética da morada, ambiência, onde o homem se humaniza, novo modo de ser e de viver.

A capacidade que o homem tem de criar, imaginar um outro mundo é também uma instância do real.

As primeiras cidades (pólis) eram locais de peregrinação, locais sagrados, onde muitos convergiam, pólos de aglutinação, onde a natureza manifestava o extraordinário. Local de vivência em comunidade.

Precisamos assumir, ou podemos permitir, nossa condição de nômades, tornarmo-nos caminantes, assumirmos o dom da palavra como capacidade de

expressar e elevar, dar testemunho da beleza e da vida. Sentido da peregrinação: dialogar, compartilhar, conviver, respeitar os modos de ser.

A colheita desta pesquisa também é rica e diversa de todos os ensinamentos, destes encontros e desta aproximação, que pressupõe novos encontros e a construção de laços, penso que o que em mim fica é a possibilidade e a necessidade de acreditar e ir em busca do que se acredita e construir as bases para que essas sementes possam germinar e deixar novas sementes.

Os Guarani precisam e tem direito a terra, a recriação de sua cultura, as suas sementes. Saberes sagrados. Os agricultores e as agricultoras tem direito de serem reconhecidos e valorizados por sua vida simples, enraizada, desafiadora. Todos temos direito de sonhar e criar uma vida com arte e sabedoria. Sabendo que os contra-sonhos poderão existir e poderão surgir.

Já existem muitas palavras, tratados, cartas, conferências sobre os direitos da terra, é preciso experimentar o que sonhamos, o que escrevemos, o que acreditamos.

Diálogo.

Esperança.

Amor.

Coragem.

As sementes que quero plantar e colher. Sementes que recebi com este trabalho. Posso dizer que colho vivências, vivências que, ainda bastante novas, trazem esperança, renovam a educação que Paulo Freire ainda nos desafia a criar.

O sonho de um mundo melhor nasce das entranhas de seu contrário. Por isso corremos o risco de tanto idealizarmos o mundo melhor, desgarrando-nos do nosso concreto, quanto o de, demasiado “aderidos” ao mundo concreto, submergimo-nos no imobilismo fatalista.

(...) Por isso, aceitar o sonho do mundo melhor e a ele aderir é aceitar entrar no processo de criá-lo. Processo de luta profundamente ancorado na ética. De luta contra qualquer tipo de violência. De violência contra a vida das árvores, dos rios, dos peixes, das montanhas, das cidades, das marcas físicas de memórias culturais e históricas. (Freire, 2000, p.133)

PARA FINALIZAR

Avós e Netos no meio da Noite

(Carlos Rodrigues Brandão)

Que pássaros da noite e que outros astros do céu
e que flores noturnas dessas cujo perfume
tão cheio torna um momento da vida de mistérios,
e que outros seres vivos do Universo
terão assistido, uma vez e outra, separados de um milhão de anos,
aqueles instantes da história em que, primeiro o gesto
e, depois, a palavra, terão criado o ato de inventar a troca
de símbolos, de saberes e de sentimentos do mundo
a que se deu depois o nome de *prática da educação*
entre os homens e os filhos dos homens?

Entre gestos de amor e os de sabedoria primitiva:
movimentos das mãos, momentos do olhar, murmúrios de palavras
e as primeiras frases do pensamento,
viajando por infinitas manhãs e noites
e multiplicando por mil a variação do inventário
dos modos de passar de geração a geração os segredos humanos do mundo,
de avô a neto e aldeia a aldeia
a educação invadiu o planeta e fez do homem, homem.

Porque de nada vale o saber e a consciência
se não existe o sentimento coletivo de a tudo tornar comum
e repartir, como o pão e a fruta colhida no campo,
essas flores que são os nomes que os homens inventam
e através das quais dominam o mundo das coisas que tocam.
E com o homem por toda parte a educação seguiu a sua viagem
Cheia de luzes e de sonhos
e também de horas escuras, cheias de tormento.

Ao longo de um caminho de montes e vales da história,
que outros dias e outras noites primitivas
terão testemunhado a trama dos mistérios em que, aprendendo
com a vida a experimentar o fio da natureza,
os homens do mundo a tudo transformaram,
tocando com as ferramentas das mãos e do espírito
o repertório sem fim dos seus recursos e segredos?
Eles, senhores de tudo, mas como todas as coisas
onde a vida fez o seu caminho, filhos do barro, da chama e da carne?
Criando o mundo da Cultura que é o berço e a terra do Homem,
a tudo deram nomes e sentidos. E em tudo assinaram o sinal do seu poder:
marcas do sangue dos sonhos do homem.
E entre eles, à volta das fogueiras, na beira dos rios,
dentro das choças nas noites das grandes chuvas,
tocando uns os corpos dos outros; aprendiam e ensinavam
e de novo ensinavam e aprendiam.
E tal como fizeram os primeiros homens com os bens que o seu trabalho

criava, fiava e colhia, entre todos faziam circular os rituais
do seu saber, para que os filhos fossem mais sábios do que os pais
e os netos ainda mais senhores do mundo do que seus avós.
Vivendo, experimentando o mundo, tocando com os mesmos gestos
o que viam os outros tocarem com saberdoria,
os homens não só souberam aprender a lição que o próprio mundo dá
ao ser roçado pelo corpo e com o pensamento,
e aprender com a vida, que entre todos os seres é o melhor mestre,
mas descobriram as lições de aprender uns com os outros
através da vida coletiva, ao redor do calor dos corpos,
olhado os dedos do artesão e as mãos do sábio
e murmurando dentro do espírito as palavras que ouviam.

Neste momento de finalização desta dissertação minhas palavras são do coração, da coragem de compartilhar minhas vivências. Escrevo o que sinto e isso quero registrar. Paulo Freire também ensina a ser em diálogo e se ainda sou muito ingênua e sonhadora, não sei se isso é um problema ou uma virtude. Quem sabe as duas coisas. Não estou fechada. Quero transformar. Por isso deixo de lado meu medo de dizer minha palavra e digo que quero compartilhar.

Que este trabalho proporcione oportunidades de reflexões. Que tenhamos tempo para criar e ver um mundo com mais justiça. Que possamos ampliar nossa percepção do presente, como propõe Boaventura de Souza Santos (2004) e ver todas as experiências significativas que já acontecem hoje. Que possamos compartilhar o que aprendemos com nossas vivências. Que tenhamos coragem de experimentar o silêncio com a segurança de estar entre os nossos. Que tenhamos

coragem de dizer e de mudar. Que nossas palavras sejam vividas. Desejo e busca.

Sementes.

Posso concluir com essa pesquisa que as sementes são elementos que contribuem para reafirmar a identidade cultural dos povos, garantir a sustentabilidade ambiental e são fatores indispensáveis na construção e manutenção da autonomia nos mais diferentes níveis. Também aponto para a urgência de reconhecermos os saberes ambientais dos povos indígenas e pequenos agricultores em diálogo com outras instâncias de saber na recriação dos modos de viver na terra, garantindo assim diversidade cultural e ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência. O dilema da educação. São Paulo, SP: Edições Loyola, 12ª edição, 2004.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de, Etnografia da Prática Escolar. Série Prática Pedagógica. Papirus Editora, Campinas, SP, 1995.

ASTURIAS, Miguel Angel. Homens de Milho. Coleção Vozes da America Latina. Edições 70. Livraria Martins Fontes. São Paulo, SP, 1974.

BARBIER, René. A Escuta Sensível em Educação. Cadernos ANPED, nº5, p.187-216, 1993.

BARON, Dan. Alfabetização Cultural: a luta íntima por uma nova humanidade. São Paulo, SP: Alfarrabio, 2004.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Nhembo´e. Enquanto o encanto permanece! Processos e práticas de escolarização nas aldeias Guarani. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS. 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De Angicos a Ausentes: quarenta anos de educação popular. Porto Alegre: MOVA-RS; Corag, 2001.

CARVALHO, Isabel. Os sentidos de "ambiental": a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In LEFF, Enrique. Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, pag 99 – 120, 2003.

FELIPIIM, Adriana Perez. O Sistema Agrícola Guarani Mbyá e seus Cultivares de Milho: um estudo de caso na Aldeia Guarani da Ilha do Cardoso, Município de Cananéia, SP. Dissertação de Mestrado. ESALQ. Piracicaba, São Paulo, 2001.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação/ANPED. Nº 10, p.58-77, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. Editora Unesp, São Paulo, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo; FAGUNDEZ, Antonio. Por uma Pedagogia da Pergunta. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FUNTOWICZ, S.; DE MARCHI, B. Ciência pós-normal, complexidade reflexiva e sustentabilidade. In LEFF, E. (coord.). Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, p. 65 – 98, 2003.

GARLET, Ivori José. Mobilidade Mbyá: História e Significação. Dissertação de Mestrado. PUC-RS. 1997.

GREENPEACE. Receitas contra a Fome. Histórias de sucesso para o futuro da agricultura, p.15-19, Setembro 2001.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Eventos de Letramento em Itapuã. Tese de Doutorado. UFRGS. 2005

IKUTA, Agda Regina Yatsuda. Práticas Fitotécnicas de uma comunidade indígena Mbyá Guarani, Varzinha, Rio Grande do Sul: da roça ao artesanato. Tese de doutorado. UFRGS. 2002.

LADEIRA, Maria Inês e MATTA, Priscila (org. e edição). Terras Guaranis no Litoral: as matas que foram reveladas aos nossos antigos avós = Ka´agüy oreramói Kuéry ojou rive Vaekue y. São Paulo: CTI – Centro de Trabalho Indigenista, 2004.

LEFF, Enrique. Pensar a Complexidade ambiental. In LEFF, E. (coord.). Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, p. 15 – 64, 2003.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª edição, 2001.

LENOBLE, Robert. História da idéia de Natureza. Lisboa, Edição 70, 1990.

LUZZI, Daniel. A “ambientalização” da educação formal. Um diálogo aberto na complexidade do campo educativo. In LEFF, Enrique (coord). Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, p. 178 – 216, 2003.

MELUCCI, Alberto. A Invenção do Presente. Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MOLLISON, Bill e SLAY, Reny Mia. Introdução à Permacultura. Tradução André Luis Jaeger Soares. Tagarai Publications: Tyalgum, Austrália, 2ª edição, 1994.

MUÑOZ, Maritza Gómez. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In LEFF, Enrique (coord). Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, p. 282 – 322, 2003.

NIMUENDAJU, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

PERALTA, Joaquim Esteva e RUIZ, Javier Reyes. Educação popular ambiental. Para uma pedagogia da apropriação do ambiente. In LEFF, Enrique (coord). Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, p. 241-281, 2003.

PUNTAZEN in POSTER, C. e ZIMMER, J. (orgs). Educação Comunitária no Terceiro Mundo. Série Educação Internacional. Instituto Paulo Freire. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

RIOJAS, Javier. A Complexidade Ambiental na Universidade. In LEFF, Enrique (coord). Complexidade Ambiental. Cortez Editora, São Paulo, p. 217 – 240, 2003.

ROSSETTI-FERREIRA, M.A.; AMORIM,, K. de S.; SILVA, A. P. S. da; CARVALHO, A. M. A. (organizadoras). Rede de Significações e o Estudo do Desenvolvimento Humano. Porto Alegre, RS: Editora Artemed, 2004.

SANTOS. Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In SANTOS, Boaventura de Souza (org). Conhecimento Prudente para uma Vida Descente: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

SCHADEN, Egon. Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. Coleção Corpo e Alma do Brasil. VI. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

UNGER, Nancy Mangabeira. Da foz à nascente: o recado do rio. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VIVAN, Jorge. Sistemas Agroflorestais: quando agricultura e florestas são aliadas. Agroecologia e Agricultura Familiar. Publicação da Rede Ecovida de Agroecologia. Ano VI, N° 5, p.36-38, Setembro 2003.

ANEXO 1
FOTOS DA PESQUISA
Conforme lista de Imagens

Foto 1: Seu Adolfo, Dona Angelina e eu em uma de nossas conversas em sua casa na aldeia de Itapuã. Setembro de 2005.

Foto 2: Rodrigo compartilhando saberes com Seu Adolfo e Dona Angelina e suas sementes de milho e amendoim. Setembro de 2005.

Foto 3: Rogério, Romário, Nara e Dona Angelina em frente a sua casa. Aldeia de Itapuã. Janeiro de 2006

Foto 4: Teresa, filha de Dona Angelina, entre Maluana (à direita) e Marciana (à esquerda) – suas filhas - em uma visita a Dona Angelina. Quando nos encontramos perguntou se não tinha sementes de amendoim para ela plantar. Janeiro de 2006

Foto 5: Seu Adolfo na roça, entre os milhos recém plantados e ao fundo o milharal aguardando para ser colhido. Janeiro de 2006

Foto 6: Os milhos ainda pequenos na roça de Seu Adolfo, Aldeia de Itapuã, após colhidos ficarão dentro da casa, sob o fogo, ouvindo histórias e rezas.

Foto 7: Seu Turíbio. Aldeia de Itapuã. Dezembro de 2005

Foto 8: Dona Laurinda, Kunha Karai da Aldeia de Itapuã. Dezembro de 2005

Foto 9: Crianças Guarani fazendo panelinhas de barro com juruás. Aldeia Karugua/PR. Janeiro de 2006

Foto 10: Luiz apresentando a diversidade de seus milhos plantados em Piraquara/PR. Janeiro de 2006.

Foto 11: Rodrigo Wolff no manejo de agrofloresta. Sanga Funda, Terra de Areia/RS. Janeiro de 2006.

Foto 12: Milharal em sistema agroecológico. Semeado em Setembro de 2006.
Sanga Funda, Terra de Areia/RS. Janeiro de 2006.